



MYRIAM FRAGA

POEMAS

*Myriam Fraga*

# Poemas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F811p Fraga, Myriam, 1937-2016.  
Poemas [recurso eletrônico] / Myriam Fraga. – Salvador : Oiti, 2021.

1 recurso eletrônico (7.673.098 bytes).

Reedição sob Selo Myriam Fraga do livro “Poemas” através do  
Programa Aldir Blanc Bahia.  
ISBN 978-65-89858-02-7 (e-book).

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD 869.1



**Myriam Fraga**

**Poemas**



*E quando na ébria espuma as ondas punge  
O clamor do crepúsculo ofuscando-as,  
Na Pátria me encontrei*  
Giuseppe Ungaretti



# Texturas do adeus

*Onde mora a poesia? Em que desvio  
Do asfalto minado ela se esconde?*

Myriam Fraga

*Marinbas*, a primeira publicação de Myriam Fraga, veio à luz em 1964, momento em que muitos dos que leem essas linhas de agora sequer eram nascidos. Desde então, um verdadeiro mar de versos povoa o percurso vitorioso da autora: *Os pescadores de Mar Grande*, *A ilha*, *Sesmaria*, *O livro dos Adynata*, *O risco na pele*, *A cidade*, *As purificações ou o sinal de Talião*, *A lenda do pássaro que roubou o fogo*, *Os deuses lares*, *Femina*, *Poesia reunida*, *A rainha Vahsti* e, em 2016, *Poemas* — expressiva amostra de seus últimos escritos. Isto sem falarmos nas inúmeras antologias, nem de seus textos em prosa, onde o olhar e a atitude de busca incessante pelo poético se fazem notar a cada parágrafo.

Restrito inicialmente à produção regional, o nome de Myriam Fraga ganha corpo na literatura brasileira da segunda metade do século XX, a partir da publicação de *O risco da pele* pela prestigiosa Editora Civilização Brasileira, em 1979. Seus escritos passam a ter mais atenção e receptividade por parte de críticos e editores do eixo Rio-São Paulo, verdadeiro centro cultural do país e “núcleo duro” de nossa produção literária, ao mesmo tempo em que seguem encantando velhas e novas gerações de

leitores, poetas e pesquisadores dos quatro cantos do país nas décadas que se seguem.

Em paralelo, desenvolve sua aptidão para a prosa, tanto ficcional quanto memorialística. E logo surge *Flor do sertão* — retrato biográfico de paixão e morte, mais tarde ampliado e transformado no pungente *Leonídia, a musa infeliz do poeta Castro Alves*. E é justo pelo poeta dos escravos que Myriam inicia sua bem sucedida incursão pelos escritos voltados aos jovens de todas as idades. A Castro Alves se juntam em seguida as trajetórias de Luiz Gama, Jorge Amado, Graciliano Ramos e Carybé, além de *O pássaro do sol*, ficção destinada ao público infantojuvenil.

Nesse incessante labor no universo das letras, impõe-se destacar duas décadas de presença no jornalismo cultural soteropolitano, onde exerce seu penhor para a crônica e a crítica. E, também, o vigoroso trabalho de trinta anos à frente da Fundação Casa de Jorge Amado — cuja avaliação merece toda uma reflexão à parte —, verdadeira missão da qual destaca rapidamente a inúmeras publicações constantes da “Coleção Casa de Palavras”, empreendimento já devidamente registrado e analisado em dois livros de relevo para nossa memória cultural.

Proseguindo pelos caminhos da prosa, impossível não mencionar nesse panorama o tocante *Memórias de alegria*, em que tece com maestria a narrativa de décadas de convívio e afetuosa amizade com Jorge Amado e Zélia Gattai. Livro plural, em que intimidade e memorialismo se somam ao olhar sem-

pre poético da leitora em suas intervenções críticas sobre a obra do romancista e de sua companheira.

Já o presente volume traz a fina flor da produção mais recente, com textos minuciosamente trabalhados a partir do talento e do filtro rigoroso da autora. O resultado nos revela a pujança de uma poesia despreendida de modismos, que não hesita em cultivar o soneto, nem em percorrer séculos de herança ocidental, para, em plena contemporaneidade, “amarrar os alicerces” do seu canto. E assim, ao mesmo tempo em que presentifica narrativas de outrora, como, aliás, já havia experimentado com sucesso em escritos anteriores, Myriam Fraga dialoga com as tradições as mais diversas, fazendo seu barco poético chegar à Bahia de tantos santos, depois de navegar pelas águas plurais de uma memória individual e coletiva.

Os versos da epígrafe acima — “Onde mora a poesia? Em que desvio / Do asfalto minado ela se esconde?” –, retirados de “Escrito no avião”, dão bem a medida de toda uma existência voltada ao trabalho com a palavra, para dela fazer objeto de prazer e também de conhecimento. No texto, e no livro como um todo, o que se vê é essa busca desaguar nas “ruas intranquilas” do “país invisível” que dá título à primeira seção: “desencontrado território / de tantos desacertos.” Mas que percorre também outros mundos, do mais profundo de si mesma aos “ignotos portais do encantado, do escondido”, onde “o que chamamos alma”, para essa voz que nos incita à fruição e à reflexão, simplesmente “se perdeu”.

*Poemas* reúne, assim, textos de alta voltagem lírica marcados tanto por um acerto de contas com os rumos do país, que exhibe “altares erguidos sobre ossos”, quanto pela recuperação de uma memória individual, em que o eu mergulha num balanço da própria existência. E encara a “indesejada das gentes” prestes a bater em sua porta. No primeiro movimento, temos uma voz que lamenta por um poder ocupado por “heróis fabricados e perdidos”, fruto de “origens inventadas” e “destinos construídos ao acaso das heranças”, por entre “lendas e mentiras proclamadas.” Além da atualidade gritante do protesto, salta aos olhos a dura firmeza de um discurso que vem dessa mulher que, num segundo movimento do livro, revela o lugar de fala de alguém que mira o recôndito mais íntimo de si mesma — e do leitor — para escrever: “espreito a minha morte colada nos espelhos.”

Impossível não ler aqui os índices de uma doída cerimônia de adeus. E, logo, de um mergulho na memória, tanto recente quanto distante, no afã de dar vida ao que se foi, trazer de volta a página virada, fazendo dela signo e poesia: “Texto é o que se tece / O que se enrosca / E acontece.” Aqui, a metalinguagem desvela o mecanismo de uma produção textual em que a autora se reconhece antes de tudo como leitora. Portadora de um repertório que atravessa fronteiras físicas e temporais, Myriam Fraga evoca figuras do passado, habitantes de lembranças e afetos, para delas fazer seres de papel, revividos

entre rimas e sombras: Van Gogh, Borges, Chagall, Neruda, García Lorca, Pedro Nava, Samuel Rawet, Virginia Woolf. Renascem pela magia da palavra e as imagens enoveladas com maestria de quem domina o ofício nos transportam para telas e textos sempre vivos. E sempre a nos lembrar de que morre o artista, mas ficam seus feitos.

Assim, da mesma forma que a autora constrói o texto, o texto constrói a autora. Clássica, moderna, contemporânea, Myriam Fraga se apresenta nessa despedida como quem diz um sonoro até amanhã! Seus versos encaram o mundo com a “marca rigorosa” de um “canino de metal ou estilete”, para nos falar tanto da dor “que nos faz inteiros” ao mesmo tempo em que “nos corta em pedaços”, quanto da vida-cidade “feita de muitas vias”, caminhos que ora lembram “iluminadas avenidas”, ora remetem a “sujos becos sombrios”. Diante da cortina prestes a se fechar sobre o palco, sua voz-poema vislumbra, lá no fundo da plateia, o “rio” e nele “o barqueiro no leme à minha espera”. Marcado pela lucidez lancinante do fim que se aproxima, *Poemas* nos revela as muitas faces de uma vida exercida na plenitude devotada ao trato com a palavra. Vida-escrita que é ponte sobre o rio do esquecimento e que é verso semeado na memória de todos os seus leitores. Para sempre.

*Eduardo de Assis Duarte*



## *Leusemya*

*Aos poucos, devagar,  
Como sombras na tarde,  
Um arrepio breve, um espasmo,  
Sutil e lânguido sob a pele*

*Escorre em minbas veias  
Onde os dentes do tempo desenbaram  
A rota das ausências e os perigos da noite*

*E onde chorando, cumpro a solidão  
Dos condenados, inexplorado território  
Do prazer que não se esgota*

*Nem mesmo quando a morte, esta canalha,  
Vai apagando o sol desse segredo  
E lentamente escreve com sua marca  
O que vivido ainda não foi e se repete,*

*Sofreguidão da carne que no tempo,  
Entre artérias e músculos e segredos,  
Tenta escrever em vão novos roteiros  
Neste corpo febril que aos poucos se destróça  
Explodindo em violetas sob a pele.*

*Será a vida apenas este ardor implacável,  
Esta salsugem escorrendo das artérias?  
Aquele que no escuro se avizinha  
Envolto em sombras, o maldito, amor bandido,  
Com seus dedos de pianista  
Acendendo no teclado a sinfonia do desejo?*

*Escuros anjos do espaço, sujos anjos do insondável,  
Estendam sobre mim as suas negras asas  
Para que se faça a luz no oscilante coração  
Antes que apague, antes mesmo que apague...*

Myriam Fraga



# O país invisível



## O país invisível

Espreito a minha morte  
Colada nos espelhos...

O poema que esqueci  
Não mais existe,  
E o tempo dói  
Como espinhos no peito...

Havia um sonho...  
Na última prateleira do desejo,  
Havia um sonho,

Quando tudo era ainda possível,  
E a vida, como o sol,  
Explodia no horizonte,

No infinito azul  
Dos últimos instantes.

# Pátria

O fragmento é meu país.  
Desencontrado território  
De tantos desacertos,

Histórias que se amarram  
No indefeso portal de antigos ritos,  
No deserto de velhas tradições  
E mitológicas verdades esquecidas.

Abandonado mundo sem limite,  
De tantos fios cortados  
E raízes perdidas no passado  
De povos silenciados e vencidos,  
De origens inventadas e destinos  
Construídos ao acaso das heranças  
Fechadas nos abismos, nos conflitos,  
Deste país sem mitos, sem bandeiras.

Ilusão das ilusões, peripécias  
De heróis fabricados e perdidos  
Entre lendas e mentiras proclamadas  
Nos compêndios apagados da memória

Do que poderia ter sido uma pátria  
Verdadeira, esta ausência esquecida  
A renascer do caos, esta quimera,  
De um futuro a dormir eternamente

Sob o peso de uma cruz feita de estrelas  
A reluzir na escuridão de um céu distante,  
Iluminando o mapa dos banidos  
No desgoverno de todos os caminhos.

## Os navegantes

Entre o sol e a lua o tempo recordado  
Cumpre o roteiro de passos hesitantes,  
A desenhar pegadas nas areias,  
Na infinita praia que se estende  
Pelos caminhos sem fim de não sei onde.

Eles chegaram um dia com seus barcos,  
Suas histórias de incautos viajantes,  
Lendas que construíram na distância  
De um portal de distintas confluências.

De onde vieram eles? Certamente  
De algum lugar perdido no Oriente  
Onde se formam as brisas do Levante  
E a luz do sol acende o oceano.

Como surgiram as velas no horizonte  
Das muitas águas perdidas na inconstância  
De uma imagem tão nítida que se expande  
Entre as ondas azuis e o céu distante?

Talvez fossem pássaros somente,  
E as brancas asas apenas suportassem  
O branco rendilhado das espumas  
Que à luz do sol cumpriam profecias.

Será que a verdade existe, ou é um sonho?  
Apenas um delírio no impossível  
Desenrolar de telas no infinito,

Como um filme rasgado, como sombras  
Inquietas no quadrante, hieróglifos  
Desenhados nas pedras do outro lado  
Para contar a história, o irrealizado  
Passado que ficou no esquecimento.

Porque no fundo poço do oceano  
Onde afogamos todos os conflitos,  
Ficou perdida a arca dos segredos  
E a chave dos sonhos impossíveis.

## O degredado

Em que porto, em que praia tão distante  
Ficou perdido o sonho dos navios  
Que atravessaram o tempo na inconstante  
Viagem aos portais do esquecimento?

De muito longe eu vim, de antigos nomes,  
Terras perdidas, tribos destruídas,  
E ventos que sopravam no deserto  
Onde enterrei um dia a minha vida,

Meus ancestrais perdidos, minha história  
Desenhada com sangue nos altares  
Onde se inventam deuses para os homens  
Esquecidos do antigo sentimento

De viver entre estrelas que se apagam,  
A procurar, além do horizonte,  
A luz que venha iluminar seus passos  
Na escuridão de tantos descaminhos.

## Derrotado

Sangraria até morrer...  
Os alfinetes doíam sob a pele  
E lentamente as forças se exauriam,  
Enquanto o sol esfriava no poente.

Era tudo tão triste e tão escuro...  
Onde estaria a luz que se apagava  
Em cada objeto desviado  
De seu curso? Ó Deus!

Toda a vida passada num minuto  
Se esvaía. Só restara o silêncio,  
Agora que os gritos no vazio  
Não mais poderiam ser ouvidos.

O reino foi perdido. E esquecidos  
Os dias que vivera alegremente,  
A percorrer os longos labirintos  
Entre estátuas simétricas, nos sonhos

Que hoje são apenas sonhos idos,  
Desinventados e infelizes, sonhos  
Que não acrescentam nada ao já vivido  
E que apenas... São ilusões apenas...

Sangrou até o último limite,  
Até que não restasse ao corpo combalido  
Nenhuma força capaz de convencê-lo  
De que não fora em vão o sacrifício.

## O anacoreta

Cansado. Acordo cansado,  
Com farpas de luz nos olhos,  
Setas azuis fincadas nas pupilas.

Cego. Estou cego?

Ou vejo apenas o invisível,  
Embalado em invólucros de silêncio,  
A agitar as bandeiras?

Você é minha última bandeira,  
Minha cascavel soando seus chocalhos.

Vem, noite, apagando esta miragem,  
Vem como se fosses a madrugada  
Que acordasse lambida pelo vento.

O que esperas, sozinha, na tormenta  
De teus olhos mordidos pelo tempo  
Que apenas devora o que alimenta?

Pássaros empalhados no poente,  
Ou sonhos impossíveis que se inventam  
Como se inventam flores no deserto?

## Travessias

Quem nos salvará agora que, sozinhos,  
Chegamos, finalmente, ao oceano  
De nossa legendária travessia?

Quem, de tão longe, espreitaria o porto  
De onde partimos no rumo dos navios  
Desgarrados do cais na quietude dos dias?

Nau sem leme, sem velas, sem cordame,  
De onde, para onde um dia, inutilmente,  
Navegamos em busca da esperança.

Amedrontada, mastigo meu castigo  
Em ácido silêncio, nas lonjuras  
Deste país sem nome, sem retorno.

Quem me salvará de mim, deste desprezo?  
De onde vim, de onde vim, soltam-se os ventos,  
E a solidão será a última quimera.

\*\*\*

Os que vieram de longe, há muito tempo,  
Os que chegaram um dia, encapuzados,  
Na vastidão de todos os silêncios,

Habitantes saídos das lonjuras  
De um mundo esquecido do outro lado,  
Além, muito além de antigas lendas.

Gigante submerso em vastidões marinhas,  
Aqui chegaram náufragos, degredados,  
E os escravos de áfricas inventadas,

Línguas diversas, deuses destronados  
De templos destruídos, e santos  
Em altares erguidos sobre os ossos.

Os que nasceram de todas as misturas,  
Queimados nas fogueiras, renegados  
De antigas tribos de índios subjugados,

E hoje, na esteira comum do sofrimento,  
Sobrevivem dos sonhos de outros tempos  
A um futuro que nunca foi chegado.

## O semeador

O fracasso é minha lavra,  
O descaso, meu lugar,  
Minha terra é o desconforto,  
Minha messe, o não lugar.

Campos longos de silêncio,  
Território que inclemente  
Me foi. Lavoura  
Triste, semeada  
De sol, de fome, de nada.

Aqui vim ter e plantar,  
Mas o que colho é o tempo,  
Nesta ampulheta vazia  
Minha vida a desfiar.

# Cravo

## I

Onde navega o sangue,  
Onde navega  
O barco silencioso dos dias,  
Dos meus dias,

Esta proa singrando  
Meus contrários.

Meu destino, este traço  
Onde a vida se assume  
Mais completa

E onde navega  
O rio de meu sangue,

Aí navegas, companheiro,  
Argonauta. Mais que um filho,  
Um vidente.

## II

Aí navegas,  
Ó pescador de instantes.

Tuas redes  
Colhem peixes estranhos,  
Colhem asas.

Momentos de meu ser  
De meu inquieto  
Ofício, o mais antigo  
Gesto sagrado.

O que moldei no escuro  
E hoje estilhaço.

### III

Aqui estou  
Diante do incrédulo  
Espelho de teus olhos.

O pássaro que soltei  
Aprisionaste  
Na armadilha de vidro  
Com que enlaças  
O consciente encanto  
Do que faço.

## Ressaca

Um gosto amargo  
Na boca, e o fel  
Escorrendo nas veias.

Um silêncio, um oco,  
Um silvo nos ouvidos.

No coração, um latejar  
Aflito. Cinco  
Sentidos apagados.

Metade morto,  
Metade vivo,

Recomeço.  
Não sei se é fim,  
Ou se é princípio.

*Azul*



*Ninguém esgota o azul e seus enigmas*  
Murilo Mendes



# Azul

Volto ao azul.  
Regresso ao não buscado,  
Ao nunca visto,  
Sequer jamais sonhado.

Volto ao azul,  
Ao derradeiro anseio  
Do esperado,  
Navegante a navegar  
No rumo dos contrários.

As ilhas, sempre as ilhas...

E o ignorado porto,  
Desfeito, arremessado  
Pelas marés do tempo  
Ao enigma do outro lado.

Volto ao azul.  
No abismo da memória,  
Invento os passos  
Da criança que fui,  
Outrora, em alguma parte.

Perto era o mar e, em volta,  
O escuro... E meu cansaço.  
Por que não me tomavam  
Ao colo e me afagavam?

Por que não escutavam  
Aquela voz que se perdia  
Num choro que implorava?

Perto era o mar...

E o mar sempre será  
Minha rota  
E meu naufrágio,

Meu destino de pássaro,  
Gaivota a mergulhar  
Em busca do improvável

Porto onde nasci  
E onde plantei a infância  
E algumas mágoas.

Quando perto era o mar  
E, ao marulho das ondas,  
A noite se fechava  
Como ostra na concha.

Volto ao azul...

À linha de arrecifes,  
Que separa o perau  
Das águas calmas.

Na transparência  
Sem fim, avisto o peixe  
Que rápido se afasta,  
Um delfim encantado,  
Serenos, a desenhar

Na opulência das vagas  
A linha que o define,  
Do vermelho encarnado  
Às escamas prateadas,  
O peixe,  
Apenas um detalhe.

*Salvador, abril, 2013*

# Gênesis

Tudo começa no jardim do Éden  
Onde se tecem os sonhos mais insanos,  
Inquietantes como espinhos sob a pele.

Cultivo meu silêncio como um fruto  
A desprender-se dos ramos mais secretos  
Nos campos do improvável que florescem

Encharcados pela água azul dos rios  
Brotando silenciosos das areias  
Em busca de um mar que não existe.

Há uma aflição contida nesses gestos  
Em que se buscam mãos, em que se atraem  
Os corpos num profundo desespero

Que desafia a morte e as profecias.  
— Como saber que, vindos de tão longe,  
Só restaria o antigo dom das pedras?

Tudo começa ao lado dos opostos  
Mundos que desfalecem ignorados,  
À sombra de armistícios e batalhas.

Entre o bem e o mal, o verbo se fez carne  
E como um fruto partiu-se em mil pedaços,  
Divididos pelo assombro e pelas águas

De um mar que nos envolve como um manto,  
Nesse dia inaugural para os decretos  
De um deus impiedoso, mas que amamos.

*22 de fevereiro de 2013*

## Lanterna dos Afogados

Para Jorge Amado, *in memoriam*

*Havia uma lua clara e estrelas  
tão brilhantes que nem se via a luz  
da lâmpada de um botequim que  
se chamava Lanterna dos Afogados*

Jorge Amado, *Jubiabá*

Neste bar, à meia-noite, como em sonho,  
Derradeiro transeunte nesta travessia,  
Ouço passos de um vulto que se afasta,

Fantasma a esgueirar-se nas esquinas  
Sob a suave luz difusa, como um bálsamo,  
A curar velhas mágoas esquecidas.

Perto é o cais. Navios que partem,  
Indiferentes, levam fardos de sonhos,  
Incertezas e algum passageiro bêbado

Que, deitado de braços sobre as cordas,  
Aguarda que a madrugada lhe devolva  
A sobriedade e o ânimo de partir,

Sabendo que toda viagem é inútil  
E, no regresso, haverá sempre  
Um naufrágio à espera, em cada porto.

Neste bar que não existe, os deserdados  
Do mundo — as damas da noite, o rufião,  
Os santos, o profeta — apostam sua sorte

E a escória das ruas resplandece  
Sob a luz amarela dos últimos lampejos  
Como faróis acesos na penumbra.

Um dia estive aqui, há muito tempo...  
No caminho sem volta das lembranças,  
A cidade amanhecia sob a chuva,

E não havia, entre mim e o mais distante,  
Este muro de sombras que se adensam  
E me pesam nos ombros como um fardo.

Um dia estive aqui, mas não me lembro,  
Porque há sempre depois este silêncio,  
Este vazio que as palavras não preenchem.

Neste bar, que não existe, vejo a sombra  
De um navio fantasma que desliza  
Sobre as águas de um rio, de outro rio ou do mar...

O mar da ilha — de todas as ilhas! — que súbito  
Se arremessa nos recifes, no escuro desta noite,  
Ou de outra noite qualquer mais densa e mais antiga.

Talvez seja um desejo, talvez seja o destino,  
Um ancoradouro, um farol, um devaneio,  
Que me arrastam aos confins deste oceano,

Destas águas que atravesso como um naufrago  
Entre escolhos de um tempo que se afasta,  
Como se afasta o cais ao olhar do viajante.

Tudo é silêncio em mim, mas, no mais fundo  
Do coração, escuto o mar que geme,  
Longe, em algum lugar, em alguma praia.

E este bar inventado, este covil de loucos,  
De marinheiros cegos, de putas desesperadas,  
De amantes tragados pelo tempo em sua fúria,

Este bar é apenas o desenho  
De um desbotado mapa na parede,  
Água ardente de um copo onde me afogo,

Enquanto a noite se fecha em sua concha,  
A resguardar segredos e desejos  
Que se desfazem ao sabor dos pesadelos.

# Tempo

Vai, tempo infeliz, arrebatada nossos sonhos,  
Arrasta em torvelinho o que restou de nós,  
Arrasta, tempo cruel, ao abismo derradeiro,  
Ao pesadelo que ainda nos aguarda,

O medo ancestral de escutar no ventre  
Da noite, no tropel que se aproxima,  
O solitário relincho de um cavalo.

Este animal soberbo, quem o cavalga?  
Que cavaleiro oprime-lhe as ilhargas?  
Vai, tempo sombrio, arrasta no galope

O que virá depois para deter  
O viajante do escuro, o indesejado  
Instante, o mais ardentemente vivido.

Nada há de restar ou desistir,  
A pena de viver não vale o paraíso,  
E tudo é tão triste e tão distante  
Como o caminho do homem para o sonho.

Quem me resgatará de mim?  
Desse impossível medo de caminhar  
Por entre espelhos, armadilhas, enredos,  
Até chegar ao último reflexo, ao âmago,

Ao segredo, ao que nos resta inteiro,  
Até o final do último labirinto,  
Onde, talvez, ainda o velho touro sozinho  
Reine sobre o silêncio que é nosso destino.

## Escrito no avião

Onde mora a poesia? Em que desvio  
De asfalto minado ela se esconde?

Pelas ruas intranquilas perambula  
Em meio ao clamor surdo dos incautos,  
Dos que habitam os ignotos  
Portais do encantado, do escondido,  
Saudosa dos meandros, dos abismos  
Onde o que chamamos alma se perdeu.

Lembranças que o vento traz de longe,  
Sinais do que um dia foi verdade  
E, no redemoinho oculto das miragens,  
São apenas espelhos que estilhaçam  
O movimento dos signos sobre a pauta  
A desenhar a inútil, triste sina.

Sílabas repetidas, pelo avesso,  
De uma palavra escrita na passagem  
De espíritos apagados que, no tempo,  
Deixaram suas pegadas no excremento  
Das aves perdulárias que se inventam  
Ao bel-prazer de símbolos ausentes.

Tudo não dura mais que um só momento  
Nas estórias contadas nos letreiros  
Onde se inscreve a passagem dos dias  
Em letras que se apagam coaguladas  
No papel amassado deste instante  
Em que reconhecemos que o nada

É o fim de tudo, e que a vida se dissolve  
Nos relógios inventados pelos homens  
Para servir de âncora ao movimento  
Dos minutos perdidos que, incansáveis,  
Traduzem, na inclemência, esta ilusão  
A que chamamos vida, simplesmente.

## O pequeno viajante

*Tange o sino, tange, numa voz de choro,  
Numa voz de choro... tão desconsolado...*  
Vicente de Carvalho

Se eu o tivesse segurado com mais força,  
E o alimentado com meu sangue e com meu leite,  
Se o tivesse amparado ao coração e ao peito,  
Dizendo-lhe baixinho como era perfeito,

Talvez não tivesse navegado tão cedo  
Em seu barco perfumado como um berço.

Se não tivesse hesitado entre vencer o medo  
De enfrentar o que parecia um castigo dos deuses,  
E o tivesse agarrado em minhas mãos canhestras  
No espaço de vida entre o desmaio e o anseio,

Se eu tivesse em sua pele cor de rosa,  
Loucamente tatuado o sinal de meus dedos  
E se lhe tivesse agarrado os finos cabelos  
E com eles o tivesse amarrado a meu seio,

E se o tivesse obrigado a ficar ao meu lado  
A arranhar-me o rosto com as unhas perfeitas,  
Transparentes e delicadas como as conchas  
Pequenas e rosadas que eu catava na areia,

Se eu tivesse sido forte bastante para detê-lo  
No momento final, tão frágil viajante,  
Tão pequeno e solitário em seu esquite branco,  
Na breve passagem pelos rios do tempo,

Talvez não tivesse de levar para sempre  
Esta culpa, este remorso, este segredo  
De ter perdido a luta, ou, afinal, de não ter feito  
O que talvez fosse impossível de ser feito.

## Em tempos de guerra

Acordávamos assustados. Acima de nós,  
Um grande pássaro pairava sobre a casa.  
Um pássaro sem asas, seu corpo prateado  
A refletir do alto a claridade  
Da luz brilhante do sol sobre a cidade.

Sabíamos que, em algum lugar do mundo,  
Os homens se matavam, mas ali,  
Naquele espaço, na lonjura de um país  
Que aos poucos se inventava,  
O que significava aquele pássaro  
Com seu olho de vidro a observar do alto?

Viria o inimigo do mar,  
Do horizonte azul que se alongava?  
Ou talvez estivesse mesmo nas esquinas,  
No último socavão, no derradeiro fosso  
Onde o mal se abrigava.

Enquanto o pássaro se encantava  
A balançar o corpo de aço que brilhava,  
Uma pergunta crescia e se espalhava:  
O que seria de nós quando o mistério alado  
Subitamente explodisse sobre as casas?

O medo era então esse pássaro sem asas,  
Era o escuro das lâmpadas apagadas,  
As cortinas fechadas disfarçando as janelas,  
E, nas praias vazias, restos de naufrágios.

O inimigo rondava invisível, disfarçado.

Nas ondas do rádio, a voz se alterava:

— Um dia serão todos destroçados...

O inimigo estava em nós, o medo camuflado.

Ele estaria sempre em nós, além do armistício,

Dos legados, o medo pairando na memória

Como um pássaro imóvel no céu de cobalto.

## O transeunte

Enquanto, do outro lado do mar,  
Ele estava morrendo,  
Eu lia um livro de poemas.

Como podia imaginar, em minha ilha,  
Que, no momento em que lia sossegada,  
Um homem sozinho fazia a travessia  
Para a Terra do Nunca, a Waste Land perdida?

Com ele partia a minha infância,  
Partiam todos os brinquedos,  
E restava apenas a lembrança  
De quando corríamos nos jardins do sonho,  
A procurar o fim dos labirintos.

Duas crianças curtindo o mesmo tempo  
Na encruzilhada de tantos descaminhos.  
Quanta coisa escondida, mal dita, perdida,  
Quantos momentos vividos e esquecidos.

Coisas antigas se ajuntando num passado  
Que não existe mais, talvez nem existisse  
Senão no sentimento da perda irreparável.

O terrível, o nunca mais, o inexistente.  
O que ficou para trás e, finalmente,  
Dissolveu-se no tumulto do universo.

E, enquanto longe de tudo ele morria,  
Sozinha, em minha ilha tão distante,  
Eu lia, sossegada, um livro de poemas.

## O outro lado da lua

Será sempre escuro este lugar,  
De outra luz que nunca se anuncia  
E cujo fogo brilhante não aquece.

O nada, o avesso, o que não foi,  
A cratera onde se esconde e habita  
O Outro, o sem nome, o sedutor,  
O que inventou o mal que nos aflige.

Sua pele é de vidro, seu silêncio  
É feito de palavras e de gritos.  
A quem trai? Quem me tornou  
Assim, tão longe do princípio?

No escuro negro poço sem limite,  
Seu rosto de porcelana só reflete  
O outro lado do abismo, o precipício,  
O avesso da luz que não existe.

E, enquanto isso, a lua permanece  
A repetir no céu o círculo infinito,  
Mistério que adivinho e não decifro,  
Algarismo de estrelas e de mitos.

## O objeto

O objeto desceu assim tão de repente,  
Defronte de meus olhos espantados...  
Uma máquina, um bicho ou, simplesmente,  
Uma visão chegando do outro lado?

Era um pouco de tudo e mais um pouco  
Pousado no limite do improvável,  
Vinha em nome da paz, ou quebraria  
O derradeiro portal do indesejado?

Quem vem do céu é anjo, por acaso?  
E do fundo do mar azul, será sereia?  
Linha sutil separa o indecifrado  
No caminho que leva ao sim e ao nada.

Veio de que lugar esta quimera?  
De que perdido planeta fez-se arauto?  
Veio buscar alguém, ou apenas assustá-lo  
Com o cobalto brilhante de seu rastro?

Talvez queira me levar, e seu chamado  
Seja o faiscar de luzes que se apagam  
E se acendem ao sabor da tempestade  
Que, nas suas entranhas, se adivinha.

Talvez seja a miragem que procuro,  
O caminho que leva ao encantado  
País que me atormenta com seus mapas  
Que se embaralham sempre indecifrados.

Veio descendo devagar, aos poucos,  
Numa espiral de luz avermelhada,  
Marcando o território de seu pouso  
Com um círculo de ouro que brilhava.

Quando a porta se abriu, e uma escada  
Foi lançada ao solo de repente,  
Caminhei para o abismo que surgia

E, sem olhar para trás, tranquilamente,  
Mergulhei no milagre que inventara.

## O companheiro noturno

Cérbero, o cachorrinho, o trifauce,  
Condutor das almas desgarradas,  
Vela meu sono. Longe, as águas  
Do grande rio escorrem,

Lentamente, inexoravelmente,  
Rumo ao país das sombras,  
Ao abismo fatal dos condenados.  
No escuro, seis pares de olhos,  
Cintilantes, vigiam meu espanto,

Enquanto a cauda sinuosa,  
Erguendo-se em penacho,  
Varre os umbrais do sonho  
Que conduz ao outro lado,

À margem esquerda  
Do Aqueronte.

Pela manhã, ao despertar,  
Escuto o ressonar suave  
E vejo a marca da coleira,  
Como um tríplice diadema,  
Refletida no espelho.

Três cabeças no regaço,  
Apaziguadas, adormecem.



# Poemas do acaso



# Poemas do acaso

## I

Para além de sofrimentos e de alarmes  
Permanecem os ossos sob a terra,  
Testemunhas da fúria inexorável  
Com que o tempo dissolve seus achados,  
Enquanto o mundo gira, e o pó da tarde  
Se dispersa rumo ao lar, à antiga casa  
Onde goteja o inútil pesadelo  
De reinventar o silêncio no alarido  
De pássaros sangrando nas paredes.

## II

Na solidão do mar, este suplício  
De decifrar portulanos no infinito  
Azul que a luz encerra, na incerteza  
De encontrar caminhos do outro lado,  
Onde um país estranho se reinventa  
E, pedra sobre pedra, constrói seus alicerces,  
Suas muralhas, seus castelos, suas pontes  
De solidão e sombra e desespero  
De antigos caminhantes de outras terras.

### III

Depois de tantos anos passados,  
De tantas batalhas ganhas e perdidas,  
O esqueleto continua nos armários,  
E a vida me dói como espinhos no peito,  
Quando ao redor é sempre a mesma névoa,  
E tudo, tudo se espalha, como as pétalas  
Dos narcisos que flutuam sobre as margens  
Do lago em que habitam os celacantos,  
E onde as garças alongam suas pernas.

### IV

Tanto tempo perdido, tanto desperdício  
Do tempo que passou e nunca foi vivido.  
O último farol na praia ilumina o caminho  
Dos naufragos do sonho na última viagem.  
Agora já é tarde, e nada mais tem sentido,  
A vida não tem sentido, isto um dia foi dito,  
Porque os homens morrem e não são felizes.  
E nada justifica o medo de encontrar-se  
A receita da morte, entre papéis, esquecida.

### V

Como a luz do sol refletida em poças d'água,  
Com muito brilho e nenhuma profundidade,  
Meus pensamentos giram sobre a mente  
À medida que o dia aos poucos se consome

No esfiapado horizonte se apagando.  
E os ruídos da noite se avizinham  
Invadindo-me os sonhos com o zumbir  
Das abelhas a fabricar no escuro  
Das colmeias o mel do esquecimento.

## VI

Diante do mar, na infinitude azul,  
A celebrar o tempo dos contrários,  
Volto ao perdido, aos dias que se foram,  
Ao esquecido país de minha infância  
E, tropeçando e caindo e inventando  
A cada passo um novo precipício,  
Talvez não imaginasse — ou talvez não quisesse —  
Que outras perdas viriam e que, muitas vezes,  
É preciso perder para encontrar-se inteiro.

## VII

Na memória de um tempo imaginado,  
Amarro os alicerces de meu canto.  
Cachorra de olhos mansos, a marca  
Dos dentes em minha mão, lembrança  
Mais antiga. Sensação que perdura  
No escuro poço sem fundo das origens,  
Ao separar das águas, tormento da passagem,  
Paraíso de serpentes ocultas sob as folhas  
Tão reais como o terror dos pesadelos.

## VIII

Nada recorda o silêncio dos primeiros dias.  
Dizem que os peitos de minha mãe  
Sangraram em minha boca  
E que o peso ancestral dessa fome sem data  
Para sempre me acompanha.  
E desde então devoro versos sobre a página.

*Salvador- abril, 2013*

# Mitologias



## Ritual

Enterrei minhas lembranças,  
Fechei as portas do armário,  
Fiz do corpo um relicário  
De visões iluminadas  
E milagres inventados.

Na oração dos contrários,  
Somente o vinho no cálice  
Onde o sangue virou água  
Vai me curar do fracasso  
Da paixão que não vivi.

No jardim abandonado,  
Colho as flores do passado,  
Camélias despetaladas  
A soluçar nos espaços  
Do sonho em que me perdi.

E de um lado do meu peito,  
Entre o perdão e o pecado,  
Escuto um canto perdido  
Como um pássaro esquecido  
No fundo do coração.

## Lilith

Eu sou a sombra escura do cipreste,  
O outro lado da lua onde a luz não penetra,  
A que chegou primeiro e foi traída.

Quando criou-se o homem, eu fui criada,  
Nasci do mesmo barro.  
(Não fui como a outra feita de um pedaço.)

No princípio do tempo, fabricada  
Da mesma prima matéria de onde veio  
O que não quis ser meu igual e foi vencido.

Não quis ser cavalo e cavaleiro,  
Olhar o outro lado dos espelhos  
E dividir comigo o mistério escondido.

A recusa custou-lhe o paraíso.  
Eu sou a dama da noite, eu sou mistério,  
Por quase nada perdi o meu império.

Hoje habito o silêncio e o sortilégio  
De ser um nome poderoso que estremece,  
Aquele que comanda as legiões do inferno.

## A fênix

Pintei as unhas de vermelho,  
Cortei o cabelo,  
Mudei a cor do batom.

Vesti uma roupa leve  
De cores primaveris,  
Comprei um par de sandálias

E fui buscar minha vida  
Que um dia deixei perdida,  
Nos enganos que guardei

Em gavetas escondidas  
Onde coisas esquecidas  
Ainda esperam por mim.

Poemas que não revelo,  
E pensamentos secretos  
Que ainda não decifrei.

Olhando as folhas que o Tempo  
Mais uma vez renovara  
Em sua árvore sagrada,

Quebrei os cristais e os pratos,  
Queimeí todos os retratos  
E então me reinventei.

*30 de abril de 2014*

## Adônis contra o tempo

Do azul da piscina,  
As águas cálidas,  
Ergue-se Adônis.

Pernas perfeitas,  
Cintura de grifo,  
Braços como asas  
A nascer das espáduas.

Os pés deslizam  
Sobre o chão molhado.  
Como um barco, navega  
Em plena luz dourada,

A penugem do peito a arfar,  
Suavemente,  
Na cadência de dunas  
Sopradas pelo vento.

A tocha da beleza  
Ilumina-lhe a face,  
Enquanto Cronos, sorrateiro,  
Aproxima-se com suas artes.

Ai! Adônis!  
Rendido serás,  
Como eu, um dia,  
Pelas artimanhas do tempo  
Fui vencida.

Sorte é que os olhos  
Já não possam  
Com nitidez decifrar  
O que dizem os espelhos.

## O.V.N.I.

Ponto de luz.  
Um ponto de luz  
No mais escuro  
Do céu.

Apenas uma estrela  
Que cresce e se aproxima  
Com o ímpeto vertiginoso  
Do mistério entrevisto.

Miragem?

De verdade ou mentira  
Se arma o olho,  
Pupila gasta ao não ver  
De todo dia.

De ser não ser  
Se tece o dividendo  
Que cada homem carrega  
E traz consigo

E que projeta  
Em ponto luz no espaço,  
Frágil, iridescente,

E, no entanto,

Intensíssima  
Maravilha fugaz

Que se aproxima  
E flutua.

Volivolta, volteia,  
Desce em círculos,  
Poderosa mandala  
No improvável horizonte.

Enquanto violeta,  
Violácea, azul marina,  
Do bojo a luz se espalha  
E cobre a terra,

E a mais incrível  
Das coisas se transforma  
No mais crível dos críveis  
Absurdos.



# A caixa de Pandora



## A caixa de Pandora

Não sei de onde veio  
Aquela caixa.

Que mão inadvertida  
Deixou-a esquecida  
Ali, no canto da sala.

Era uma bela arca  
De madeira trabalhada,  
Com fechos de prata  
E braçadeiras douradas.

Uma joia, eu diria,  
Fina ourivesaria  
Ali abandonada,  
No silêncio da casa.

Quem a trouxe, um dia,  
Muitos anos passados,  
Disse apenas: “— Não abra  
Por tudo o que é sagrado”.

E assim ficaria  
Para sempre trancada  
Se, num gesto impensado,  
A mão malfadada

Não desse volta à chave  
E, curiosa, espreitasse  
O segredo que dormia  
Naquela caixa fechada

Que parecia vazia,  
Como se nada guardasse,  
Além do próprio silêncio  
A que fora condenada.

E ouviu-se um som esquisito,  
Quando, de dentro da caixa,  
Como ave que escapasse  
O mal bateu suas asas.

E a morte, a guerra, a luxúria,  
A inveja, a fome, o pecado  
Desembestaram do escuro  
Finalmente libertados.

E fez-se noite no mundo  
Para sempre condenado  
A sofrer eternamente  
Seu destino malsinado.

Por culpa daquela mão  
Que o ferrolho destrancara  
E que agora, inutilmente,  
Tentava remediar

O seu gesto tresloucado,  
Fechando de novo a caixa  
Que, enfim, parecia estar  
Novamente sossegada.

E, quando mais nada havia,  
No escuro oco sombrio,  
Eis que, no fundo vazio,  
Alguma coisa brilhava,

Cintilando como estrela  
Que a terra iluminasse.  
Como um farol de bonança  
Depois de todos os males,  
Restava ainda a esperança.

## Romance da volta de Ulisses

Quando Ulisses regressou  
Eu estava tão distraída  
Em minha tapeçaria  
Que a princípio não entendi  
Porque o cachorro gania.

Foi um antigo serviçal  
Quem me alertou os sentidos:  
“— Senhora, por um acaso  
Não vedes vosso marido?”.

Voltei-me, desnorteada,  
À procura de um prodígio,  
Mas o homem que ali estava  
Não me era conhecido.

O tempo que tudo vence  
Também o tinha vencido,  
Não encontrei nem a sombra  
Daquele amante perdido...

Onde o porte de guerreiro  
Com seu olhar atrevido?  
Onde estava o navegante  
De mundos desconhecidos?

Os dez anos de tormenta  
Na incerteza dos perigos  
Ofuscaram por completo  
O brilho dos olhos vivos,

E a barba que emoldurava  
Seu belo rosto curtido  
Era agora um pelo crespo  
Falhado e descolorido.

Os braços já não curvavam  
Com a força de antigamente  
O mesmo arco potente  
Com que enfrentava o inimigo.

Porém, o que me tocava,  
O que mais me compungia  
Era saber que era outro  
O homem por quem morria,

Esperando a vida inteira  
Enquanto um pano tecia,  
Pensando em seu beijo quente,  
No abraço que me envolvia.

Por quem chorava de noite  
Na cama em que não dormia,  
Por quem tanto me guardara  
Dos outros que me queriam.

Com o coração apertado,  
Lembrei da fala macia  
Sussurrando em meu ouvido  
Palavras quase esquecidas.

Lembrei da paixão ardente,  
Do beijo da despedida  
De um homem tão diferente  
Daquele que agora vinha,

Peregrino de passagem  
Que, em busca de ceia e pouso,  
Em minha porta batia.  
E vi que dos anos todos,

Quando chorava e tecia,  
Só ficara o sentimento  
De saber que o mundo gira  
Sem descanso e sem medida

E que nada mais restara  
Daquela espera sofrida,  
Além de um velho sudário  
Tecido com a própria vida.

*Mar Grande, 02-02-2010*

## Canção da noiva iludida

Ele chegou sorrateiro  
E lhe propôs casamento,  
Lhe prometeu um palácio,  
Deu-lhe joias de princesa.

Ela mostrou-lhe o roteiro,  
Traçou o mapa da mina.

Fascinada pelo brilho  
Dos belos olhos lascivos,  
Foi logo entregando a chave  
De seu tesouro escondido.

Porém, no dia das bodas,  
Descobriu surpreendida  
Que fora apenas mais uma  
Conquistada e iludida.

Nem aliança de ouro  
Nem anel de rainha.

Resignada, retornou  
Às meadas de seus dias,  
Tecendo seus desenganos  
Num bastidor de mentira,

Sabendo que lhe restara,  
Para entreter os convivas,  
Nessa comédia de enganos  
Sem nenhuma serventia,

Jogar pérolas aos porcos  
E fingir que não sabia.

*Agosto, 2013*

## Romance da Ilha do Medo

Nos longes da minha infância,  
Esconjuro-te o mistério,  
Ilha do Medo. Esconjuro!  
Território indecifrado  
De praias desconhecidas,  
E segredos encobertos  
No outro lado do tempo,  
O tempo da longa espera.

Ilha do Medo, navego  
Ao redor de tuas terras,  
No teu lado mais secreto.  
Fantasia ou devaneio,  
Vejo teu porto à espera  
De barcos que nunca chegam  
Do longe que não revelam  
Nas noites de pesadelo.

Dos passados tempos idos,  
Reconheço meu desejo  
De correr em tuas areias,  
Decifrar teus arvoredos,  
Iluminar teus caminhos,  
Desenterrar tuas âncoras,  
O que te prende no escuro,  
No fundo do mar sem fundo.

Ilha do Medo, o que escondes?

Caverna de flibusteiros,  
Antro de falsos piratas,  
Um desgarrado navio  
Em noites de tempestade?  
Ou assombrados passageiros  
Que, ao longo de tuas praias,  
Arrastam velhas mortalhas  
A sussurrar uma prece?

Ilha do Medo!

No regaço da baía  
Tão cercada de doçura,  
Tão protegida dos ventos...  
Tão próxima e tão distante.  
De onde vem este teu nome?  
Que escondes nas tuas águas?  
Para onde sopram teus ventos  
Na beirada do horizonte?

Nos mares que te rodeiam  
Afogo meu sentimento,  
Apago meu desencanto,  
Lembrando o tempo perdido  
Na inútil desesperança  
Em que sonho decifrar-te  
Em tua face mais escura,  
Em teu lado mais distante.

Ilha do Medo, responde!

## Canção do céu estrelado

Quando eu morrer...

Não quero a paz dos eleitos,  
Dos justos e dos ascetas,  
Nem o destino das almas,  
Eternamente despidas  
Dos humanos devaneios.

Quero antes o paraíso  
Vacilante dos inquietos,  
O horizonte dos loucos,  
Dos videntes, dos poetas.

Quero rolar nas esferas  
De delirante paisagem,  
Rodopio de asteroides,  
Nos ventos desatinados  
Dos quatro cantos do céu.

Quero vagar no caminho  
De atormentadas galáxias  
E navegar nos espaços  
Vazios de astronautas,  
De anjos e de profetas.

Entre círculos concêntricos,  
Pelos ramos de um cipreste  
Vou descer eternamente  
Num voo desatinado

Rumo a uma lua incompleta.  
Escorregar num círculo de planetas  
E descansar no brilho das estrelas,  
Queimando ao sol de mil verões acesos.

Quando eu morrer...  
Quero ficar, para sempre,  
Girando resplandecente  
Em paisagens de Van Gogh.

## O retorno

Há tanto tempo parti,  
Tantos anos naveguei,  
Pelos rios de meu sangue  
Por caminhos que não sei.

Hoje volto à minha casa,  
À minha ilha destruída,  
Reino das sete colinas,  
Das sete portas fechadas.

Hoje volto tão estranha,  
Tão soberba e abandonada  
De mim mesma, de meus sonhos,  
De minha vida passada.

Como voltar sem ter ido,  
Sem nunca ter navegado?  
Como abrir aquela porta  
Que nunca esteve fechada?

Hoje retorno ao começo,  
Expedição malograda,  
Por terras que não conheço,  
E onde fiz teto e morada.

Hoje voltei, e o cachorro  
Lambeu-me a mão na chegada.

*Outubro, 2012*



# As sombras



# O aleph

*Para Jorge Luís Borges, in memoriam*

Havia um pressentimento no amor.  
Eco de palavras, rosas brancas e um  
nome: Maria. E havia o tédio da vida,  
o inútil labirinto. Praça de touros sem  
touro. E o pó das ruínas circulares  
onde um homem sonhava sua  
sombra. Aqui as veredas se  
bifurcam. Voltar... jamais, jamais a  
nuvem cor-de-rosa, o cristalino mar  
em volta das pupilas cegas. Agora,  
rosas despetalando sobre a terra leve,  
e os passos de Maria, tão leve em  
seu vestido branco, tão despida de  
tudo e tão sozinha.

A outra morte acontecerá depois. Em  
Uqbar, revisitada pelos tigres, um  
Poeta novamente decifrará o destino  
na polida face luminosa dos  
espelhos. Devo chamar de alegoria  
este riscar de unha sobre os muros  
do cárcere? A escritura de um deus  
sobre os portais de Babilônia?  
Nas paredes de Babel, resplandece o  
Aleph, os curvos cornos do touro,  
como um sinal da passagem.

# Último canto para Pablo Neruda

*Es la hora de partir, oh abandonado!*

Neste silêncio de granito,  
Neste muro de gritos  
Imóveis,

Nesta parede de água  
E de soluços,  
Território de vidros opacos,  
Plantei meu canto,

Substância de tempo e mel  
E sangue  
Como obscuras raízes.

Na boca, um amargor  
De rosais destruídos,  
E vento gelado golpeando  
Os tambores do nada.

Neste chão de vingança,  
Ainda ressoam passos,

Pesadelo de assombros  
Que galopam meu peito  
De tigre desfeito  
Em gusanos e lama.

Assim cumpro meu sono  
De velho pássaro enfermo,

Tatuagem

No rosto mítico do dia.

Um pedaço de chão,  
Um túmulo, um limite  
Ao absurdo de abutres  
Devorando bandeiras.

Na cicatriz do tempo,  
Meus ossos como brasas.

## Canto para Federico García Lorca

Nesta noite de cinza e céu velado,  
Nesta escura  
Estrada de ninguém aberta aos ares,  
Uma noite com asas de andorinha  
E suores e pranto e cravos  
Esmagados.

Nesta noite, tua noite,  
Sol dos dias  
Que te roubaram com a vida,  
Que arrancaram  
Como se arranca um soluço  
Ao coração magoado.

Esta noite, esta noite,  
Meu Poeta,  
Onde estarás?  
Sepulto com teus nardos,  
Com teus olhos ciganos, tua pele  
De azeitona e alcaçuz?

Ou perfumado de amapolas  
E de orvalho,  
Galopando nas sombras, rosas rubras  
Nos freios do cavalo?

Esta noite, esta noite...

São tantos jasmims pisados,  
Tantas feridas abertas,  
Tanto sangue derramado!

Noite, noite nos teus olhos,  
Noite na tua Granada.  
Tua lembrança como faca,  
Tua memória como açoite,  
Tua viola andaluza  
Como cristais em cascata.

Nesta noite de cinza enluarada,  
Te carrego como um filho,  
Como um osso na costela,  
Como um veneno nas veias,  
Como uma lança encravada.

E tua morte em meu sangue  
Me faz ficar mais pesada.

# O alquimista

*Para Godofredo Filho, in memoriam*

*Pol-a branca fenestra da i-aurora*

Penetraste na ausência  
Onde dormem as palavras.  
Turvo lagar de estrelas  
Ou límpida seara  
Onde o verso, vinho azul,  
Galga finos cristais e flora.

E chora um pranto cruel  
De perdidas Enones,  
Besta decapitada e insone  
Em galopes de vidro,  
Apagando na noite  
O murmúrio das gárgulas.

Mas, se chove o silêncio  
Sobre rotas clepsidras  
E desfazem-se ponteiros  
No relógio invisível,

Restaure-se o tempo  
Na invenção dos teus dias,  
Poema a escorrer  
Na ampulheta infinita.

# Elegia numa tarde de maio

*Para Pedro Nava, in memoriam*

Não a morte, fruta  
Colhida ao acaso,  
  
Mas a vida amputada,  
Flor,  
Por um golpe de espada.  
  
Não o fio enrolado,  
Novelo  
Esticado e refeito,  
  
Mas o rápido corte,  
A seda,  
Da moeda desfeita.  
  
Não o clarão da aurora,  
O fulgor de uma estrela.  
  
Apenas um estampido  
E a luz  
De uma mágoa secreta,  
  
Última visão, último círio  
Aceso  
Na noite do poeta.

# Entrando na água

*Para Virginia Woolf*

O peso de viver era maior  
Que o frágil arcabouço  
Que a sustinha,

Porque tudo era tão difícil,  
E até o amor era incapaz  
De sustentar-lhe o flexível  
Tronco da árvore do sonho

Onde a poesia,  
Como um pássaro molhado,  
Vinha abrigar-se dos ventos  
E das chuvas,  
A cantar seus delírios  
Impossíveis.

Até que um dia,  
Quando a pena de viver  
Fez-se tamanha,  
Enchendo os bolsos  
Com as pedras do caminho,  
Buscou a calma mortífera do lago

E docemente, serenamente,  
Mergulhou para sempre,  
Sereia imperfeita,  
No abismo das águas  
Que a chamavam.

# Elegia para um morto em sua cadeira

*Para Samuel Rawet*

Já nada mais te atinge. Nem o sangue do Cordeiro, nem o ruflar de asas, sombras de anjos na parede. Não te moves sequer. Nem a lembrança dos dias vividos te estremece. Não sei quem sou / quem és, que *avis rara* te premiou com penas, te espedaçou o fígado. Coração, coração... Teu é o espaço perfeito para o grito que não houve. Teu o canto das sereias absurdas do mal. E o descanso dos obscuros laços que te atavam, lobo noturno e enigmático, aos cofres do imponderável.

Não sei de corpo mais cansado, matéria vil de enganos. Putrefacta flor de pétalas sem retorno. A teus pés dormem dragões e anjos domesticados que choram a tua perda como um cão chora o seu dono. Foi esta a tua moira, a mais pesada insídia. Estás na morte sentado como um rei em seu trono. A corte está vazia. Somente o bobo vomita sobre o tédio todos os risos da angústia. Dorme em tuas mãos um pássaro empalhado. Um filete de sangue escorre de tua boca e escreve sobre os muros da memória a inquietante história de teus dias.

Um relógio bate sozinho no descompasso da espera.

# A morte no trigal

*Para Vincent van Gogh*

Do interior de meu silêncio,  
Da luz negra  
De minha inconsciência,

Surgem imagens refletidas  
No obscuro espelho  
De ocultas deslembrações.

Pássaros negros  
No trigal maduro,  
Sombra entre ciprestes,

Redemoinhos azuis  
E o brilho do amarelo  
Mais incrível.

Última visão do caos,  
Eternidade  
Dos olhos deslumbrados

De um louco que morria  
Embriagado de luz  
Em suas tintas.

# O epitáfio

*Para Adonias Filho, in memoriam*

Posso  
Com aves  
Construir  
A lápide.

O obelisco  
Se erguerá depois  
Como um mastro  
No vale.

Caligrafia de vento  
E chuva e sol,  
O epitáfio  
Um dia será feito.

Somente  
O eterno sabe  
O que é eterno.

# Chagall

Um anjo de bicicleta  
Passou de madrugada  
E carregou Chagall  
Para o outro lado.

Deixaram um rastro  
De alfazema,  
Um risco luminoso.

E pássaros e peixes  
E sereias  
Explodiram de cor  
No turbilhão gerado  
Pelos pincéis em pânico

E pelas flores,  
Borboletas de asas  
Destroçadas.

# Réquiem para um poeta assassinado

*Para Benjamin Moloise, in memoriam*

Negro é o fundo do poço. E negro o instante para o acerto final. Lâmina entre os dentes, o canto prenuncia punhais. Teu canto; negro, como a noite refletida em mofados espelhos. Gritas. Não te ouvem. Nunca ouvem. No vazio absoluto, só o baque surdo do corpo e o olho vidrado da mãe. Agora todas as mães do mundo choram os filhos mortos: o peso no regaço. Negro é o fundo do poço, o alçapão que se abre. Cantas a última canção, e te levam para a morte. Estás sozinho no escuro, o escuro é o teu país. Mas o canto soa claro e é luz na sombra. Que pode afinal um poeta de mãos negras, de negro coração sequioso de vingança? A fome dos cães está completa. A fome dos punhais.

Canto agora teu canto. O que cantaste caminhando devagar em direção aos loucos patamares, aos degraus do suplício. Houve um minuto de assombro, bolha de silêncio. Depois, o choro amargo da mãe e um ódio longo como um rastilho de pólvora. Poetas rebelados de todos os quadrantes, uni-vos!

Este é um tempo de lama, náusea e grito. O sangue coagulado clama por nós em Pretória.



O caçador



*Oxóssi é o animal que foge, o caçador que persegue, a flecha,  
o projétil lançado, assim como é o resultado final do ato.*  
Mãe Stella de Oxóssi



## O caçador

No silêncio da noite, escuto os passos  
Do caçador que apruma suas armas  
E, entre o desejo e o ato, risca o traço  
Da seta viageira que no espaço  
Cumpre o desígnio do mais alto.

A força do braço enverga o arco,  
Mas quem conduz a flecha  
É sempre o sopro, o sonho, o salto  
No imprevisível caminho  
Entre a distância e o alvo.

O caçador cumpre o destino  
Que o aguarda, o caçador caçado  
Pelo vento que passa.

## Origem

E o homem bradou:  
“Que a solidão pereça!  
E da lama da terra seja feito  
Um deus à minha imagem  
E semelhança!”.

E esculpiu-se  
No magma provisório  
Uma esperança  
Que, ao final da vida,  
Devolvesse ao pó  
A matéria primeira.

E assim se fez no mundo  
Esta inútil quimera,  
Esta ilusão do eterno,  
Este desejo  
De regressar ao nada  
De onde veio.

## A árvore do tempo

A árvore do tempo  
Tem raízes profundas.

Sua copa encantada  
Desenha no chão  
Um espaço sagrado  
Na sombra que acolhe  
Pedidos e oferendas.

À noite se escuta  
Um choro de criança  
E um súbito gargalhar  
De pássaros invisíveis,  
No farfalhar das folhas  
Sopradas pelo vento.

Uma voz muito antiga,  
Nascida das raízes,  
Conta estórias do início,  
Em que tudo o que havia  
Era um grande silêncio.

E só o hálito do espírito  
Que habitava em seus galhos  
Reinventava os mistérios  
De um povo esquecido,  
Que amarrava o destino  
Em laços de algodão,  
Como se amarram as nuvens  
No céu infinito.

## A árvore do tempo

A árvore do tempo tem raízes profundas,  
Sua copa encantada forma um espaço sagrado  
Na sombra que acolhe pedidos e oferendas.

À noite se escuta um choro de criança  
E um gargalhar de pássaros invisíveis  
No farfalhar das folhas sopradas pelo vento.

E uma voz muito antiga, nascida das raízes,  
Conta estórias do início em que tudo o que havia  
Era um grande silêncio onde a mãe natureza

Reinventava os mistérios de um povo esquecido  
Que amarrava o destino em laços de algodão,  
Como se amarram as nuvens no céu infinito.

## Sete portas e nenhuma saída

Nesta cidade, há um deus em cada esquina,  
Em cada encruzilhada, o sagrado se revela  
Em farinha dourada e penas pretas de galinha.

Uma força invisível domina as tempestades,  
E, no mar encapelado, a oferenda dos barcos  
Acalma a fúria da rainha.

Nesta cidade, o divino se adivinha  
No mistério das folhas que eliminam  
O mal que nos consome, a dor que nos oprime.

Ifá conduz o jogo, atiça os búzios,  
Afasta o malefício e abre os caminhos.  
O resto é a solidão e algumas portas.

## Sete portas...

Nesta cidade, há um deus  
Em cada esquina,  
Em cada encruzilhada,  
O sagrado se revela  
Em farinha dourada  
E penas pretas de galinha.

Uma força invisível  
Domina as tempestades  
E, no mar encapelado,  
A oferenda dos barcos  
Acalma a fúria da rainha.

Nesta cidade,  
O divino se adivinha  
No mistério das folhas  
Que eliminam  
O mal que nos consome,  
A dor que nos oprime.

Ifá conduz o jogo,  
Atiça os búzios,  
Afasta o malefício  
E abre os caminhos.

O resto é a solidão  
E algumas portas.

## O senhor da colina

Aos pés da colina  
Pastoreio rebanhos.  
Nenhum milagre perdido  
Na memória.

Eu sou aquele que sabe e vê,  
O que é velho e menino,  
O que não dispensa o cajado  
E as tábuas da lei,

Eu sei do que é feito  
O frágil barro humano.

Por que me pedem a paz?  
A paz é a mais sangrenta  
Das batalhas.

Por ela muitas vezes regresssei  
Ao reino de onde vim,  
Quando a morte se inventava  
A cada dia.

O novo e o velho em mim  
Dividem sua graça.  
Eu sou aquele que chegou  
De longe.

Veste-me o branco da luz  
Que me alumia.

Esta é a minha jornada,  
Eu sou o verbo encantado.

Eu sou o mestre,  
O senhor dos caminhos,  
Eu sou o princípio  
E sou o fim.

# Oké

Naquele tempo,  
O mundo era somente  
De água e de silêncio.

Mas um dia,  
Das profundezas do mar,  
Surgiu a terra,

Como uma flor  
Emergente,  
Uma ilha sagrada.

O que se fez unido  
Fez-se ausente,  
E as águas invadiram  
O coração da pedra.

Como juntar  
O que se fez  
Tão diferente?

O que nasceu unido  
E se partiu?

Cumpra-se a sina:  
O que era para ser uno  
Se divida,

De um lado,  
Espumas brancas  
Do mar infinito,

Do outro lado,  
A separá-las,  
Muralhas de granito.

*Janeiro, 2013*

## A mãe das águas

A mãe das águas  
Ouviu o meu pedido,  
E as espumas do mar  
Cobriram com seu manto  
Os meus dias perdidos.

A mãe das águas  
Mostrou-me o caminho  
Do fundo azul das ondas  
Onde dormem os navios,

E eu me joguei inteira  
Nesse abismo.

Os ventos da tarde  
Sopraram em meus ouvidos  
Um canto de afogados  
Muito antigo.

E a mãe das águas  
Enfeitou com sargaços  
Meus vestidos,

Me embalou nos braços  
E mergulhou comigo  
No rumo do encantado,

Ao outro lado  
Das portas de cristal  
De seu palácio escondido.

## O encontro

Lançar palavras ao vento,  
Como flechas, é o gesto original,  
Que simboliza o conflito:

Onde encontrar a razão,  
O que foi dito  
Por um velho feiticeiro

Ao pé do antigo  
Fogo sagrado  
No altar do sacrifício?

Sigo o rastro no céu,  
O Senhor dos Caminhos,  
Sigo a flecha no ar,  
O assobio do vento,

Vou em busca do insondável,  
Do impossível, do perdido,  
Neste encontro final  
Entre a terra e o infinito.

## O pássaro

O pássaro desceu do céu como uma bala,  
Como uma flecha desceu o pássaro encantado.

Seu voo marcando o alvo, o risco, o exato  
Ponto inalcançável e azul do infinito.

Ao encarar o ciclo do interdito,  
Sigo buscando o centro do compasso

De um mundo que desenho além do rito,  
Ao qual me entrego em busca do temido  
Reino do ignoto e do escondido.

## A grande caçada

Chegando a primavera, chegarão os bisontes.  
Em manadas silenciosas invadirão o espaço  
Que inda resta ao sonho milenar que os sustenta.

Invadirão os espaços, caminheiros viajantes,  
De extintas galáxias na origem dos tempos.  
E descerão encantados pelas nuvens ligeiras  
Delirando ao vigor da última caçada.

Quando a fome derradeira for enfim aplacada,  
Os homens lembrarão aquele dia primeiro,  
Quando o Grande Caçador cumpriu a promessa,  
Revelando o mistério da flecha sagrada.

## A deusa

Quando nasci,  
O mês era novembro,  
Tempo de águas turvas  
E de ventos  
Em súbitas rajadas.

Apenas o veneno  
De escorpiões acesos  
No horóscopo  
Redefinia o espaço  
De meus dias.

Uma deusa  
Dançava no terreiro,  
E uma estrela vermelha  
Refletia a oferenda

Que, numa salva  
De prata, os mortos  
Cantando lhe faziam.

## Ejo-Lorum

O signo, o signal, o sig  
nificado oculto desses búzios  
dessas fibras macias, dessa  
palha em que se oculta o  
ferro, a maravalha, o  
sopro final, a língua  
bífida e a cauda.

O infinito contido  
Nesses laços.

# Destino

Quando a árvore do tempo  
Perder as suas folhas

E o último dia do ano se findar,  
Eu tomarei o bastão do peregrino  
Em busca de encontrar a longa estrada,

Porque a vida é assim mesmo,  
Um caminhar sem rumo,  
Sem destino, sem volta e sem medida,  
Um infinito e inútil caminhar.

## A passagem

Sozinha, atravesso os espaços vazios,  
Rumo ao outro lado, ao encantado  
Reino onde as almas se entregam  
Aos ritos da passagem.

*Três passos para frente,  
Dois passos para trás.*

Guia-me a rainha, a senhora dos ventos.  
O furor da tempestade é o que nos resta,  
A lama que nos criou volta às origens,  
E o ciclo se completa.

*Três passos para frente,  
Dois passos para trás.*

Desce pelas nuvens um sopro desatado.  
A deusa abre caminho no fio das espadas  
E, ao mágico fulgor que apaga os relâmpagos,  
O espírito dos mortos inicia a jornada.

*Três passos para frente,  
Dois passos para trás.*

# Memórias inventadas



*Navego pela memória  
Sem margens.  
Alguém conta minha história  
E alguém mata os personagens.*  
Cecília Meirelles



# Memórias inventadas

## I

Eram tudo ruínas de um passado  
Inventado de novo a cada dia.  
Na medida em que o todo se faz parte,  
E o vivido renasce nas esquinas,  
A morte silenciosa se aproxima.  
A cada dia um passo, a cada noite  
A esperança de cumprir o meu destino,  
Nesta vã incerteza, construindo  
Um caminho sem volta para o abismo.

## II

Tudo voltou a ser como era sempre:  
As flores renascendo sobre os galhos  
Das árvores perdidas na distância  
Em um jardim de hortênsias que se abriam  
Do rosa cor-de-rosa ao azul lavado.  
E a menina escondida entre as folhagens  
A esculpir um sonho que acabava  
Quando a noite, descendo sobre a terra,  
Reinventasse o pavor dos pesadelos.

## III

Entre acácias floridas, entre o vermelho  
Dos caládios sangrando nos canteiros,  
Entre as flores da murta e o jasmineiro,

Entre a Terra do Nunca e a Ilha Encantada,  
Sob a luz deslizante dos espelhos,  
Uma criança sozinha com seu medo  
Que o cão fugido nunca mais voltasse  
E que a noite trazida por morcegos  
Um dia se instalasse sobre a casa.

#### IV

A avó tecia versos na varanda.  
Mas ela não sabia que eram versos,  
Ela apenas tecia e recontava  
Um passado captado nas agulhas  
Dos novelos de lã que tricotava.  
A avó reconstruía no silêncio  
Um roteiro de vidas feiticeiras  
Que um dia, há muito tempo, se perderam  
Na imensidão de um mundo sem fronteiras.

#### V

Viajante sem leme, sigo atenta  
Ao rumo e oscilações da marinagem.  
Quanto tempo, senhor, quanto oceano  
Precisamos ainda atravessar  
Para que, ao fim da viagem, enfim desperte  
O sentimento de não ter chegado  
Ao cabo das tormentas, ao outro lado,  
Onde nos reste, naufragos sem pátria,  
O rendilhado abismo das espumas?

## VI

Longe de mim navegam meus afetos  
Como barcos perdidos na voragem  
Das súbitas lembranças que deslizam  
Como velas solitárias na paisagem.  
Quanta tristeza no mar, vasto e silente!  
Quantas flores boiando nas espumas,  
Quanto de sal nos lábios ressecados  
Pelos ventos da noite que atormentam  
Velho marujo a sonhar com naufrágios.

## VII

Quantas memórias, pensamentos vagos,  
Sofrimentos vividos para nada,  
Detalhes de minutos esquecidos  
A badalar relógios inexatos  
No delírio das horas apagadas,  
Se todos os momentos que vivemos  
São rastros que se extinguem na passagem  
De uma ponte jogada sobre as águas  
Deste rio que se chama eternidade.

## VIII

Naquele tempo, havia uma piscina  
E uma estátua de jovem com seu búzio  
De onde jorravam água e profecias.  
Duas meninas na borda, debruçadas,

Sondavam o insondável, o fundo cresp  
Onde o musgo crescia no cimento.  
E era doce o sorriso nos seus lábios,  
E os cabelos molhados nos detalhes  
De um retrato desbotado pelo tempo.

## IX

Era um imenso jardim, era um jardim  
Sem fronteiras definidas e limites,  
Como um país selvagem que cumpria  
Preservar, com suas árvores, com seus frutos,  
Caminhos que galgavam precipícios  
Onde estrelas no escuro azul sombrio  
Limitavam o espaço do vazio,  
Onde à noite soavam os atabaques  
E os ebós florescia nas esquinas.

## X

Na casa da avó, um porão assombrado  
Guardava velhos trastes esquecidos,  
Só restos de existências já vividas,  
Só traços de um caminho percorrido  
Entre móveis destroçados pelo tempo  
E arcas onde viviam os encantados,  
Sortilégio de algumas coisas mortas,  
Empoeirados portais do esquecimento,  
Onde guardada dormia a nossa sorte.

## XI

Era uma casa estranha com seus ares  
De sobrado colonial e fortaleza,  
Era uma casa cercada de azulejos  
E janelas debruçadas sobre o abismo  
Onde se inscreve o signo do imperfeito.  
Paredes desenhadas pelo tempo  
No emaranhado sonho viajero  
Que se inventava à noite em cada leito  
Enquanto o amor compunha seus enredos.

## XII

Nas varandas abertas para o mundo  
A desfrutar jardins de sombra e vento,  
Procurávamos em vão o escondido  
Tesouro que restou do esquecimento  
Dos passos que, imutáveis, permanecem  
Nas areias molhadas pelo tempo,  
A percorrer as trilhas sob as árvores,  
Num roteiro de caminhos que se abrem  
Para além de horizontes e fronteiras.

## XIII

Quando a manhã acender pelas esquinas  
A alvissareira luz da madrugada,  
E o fogo do sol clarear com suas brasas  
A solidão da noite que se afasta

Com seu manto de estranhas fantasias,  
Hei de buscar no arrimo deste dia  
O sonho de viver nunca encontrado  
Nos tropeços de um mundo dividido  
Entre o bem infinito e o mal sem cura.

#### XIV

As acácias floriam todo ano  
Clareando os verões de minha infância,  
As acácias de flores amarelas  
Com seus cachos de luz florindo estrelas  
No mistério da noite pelas sombras  
Em que a traçar as rotas do futuro  
Ao balançar dos ventos viajeiros,  
Construíamos barcos para o sonho  
De navegar além da Taprobana.

#### XV

Algo ficou disperso nos caminhos,  
Alguma coisa, talvez, foi esquecida  
Nas curvas sinuosas dessa estrada  
Que vai do centro da terra ao infinito  
E se desdobra em múltiplas paisagens  
Em que procuro em vão um ponto fixo  
Onde amarrar as pontas do conflito  
Que divide o que sou do que perdido  
Ficou como destroços na passagem.

## XVI

Na praia onde escondíamos segredos,  
Entre areias e conchas e desenhos  
Impressos na fratura dos rochedos,  
Os corais se espalhavam, e os moluscos,  
Na claridade azul, teciam redes.  
Ouvia-se o som do mar no sorvedouro  
Onde um navio fantasma navegava,  
Sem bússola, sem leme e sem destino,  
Pelos mares do além, desconhecidos.

## XVII

Quando a morte fechar meus olhos calmos  
E o canto sufocado na garganta  
Silenciar um dia seu lamento,  
Ficarão, qual vestígio que se apaga  
No chão onde deixei minhas pegadas,  
Os rastros de um perdido viajante  
De quem restarão apenas como um sopro,  
Na entrada do portal do esquecimento,  
Palavras espalhadas pelo vento.

## XVIII

Entre o mar e o sertão tracei meu rumo  
Em terras do Recôncavo esquecido,  
Ora a vagar nos pastos de Netuno  
Onde galopam velas pela tarde,

Ora engolfado na onda da paisagem  
A ruminar com o gado no silêncio  
Do verde esmeraldino das pastagens  
Que se abriam ao sol em grandes vagas  
Para um bando de pássaros selvagens.

## XIX

Quando a névoa, baixando sobre o rio,  
Nas margens escondidas disfarçava  
A barranca onde dormiam capivaras,  
E o gado ia beber antes que a tarde  
Apagasse o caminho que os levava  
À noturna certeza dos currais,  
Ao longe, o aboio triste anunciava,  
Descendo a galopar pelas colinas,  
A silhueta de couro de um centauro.

## XX

À noite, reunidos na varanda,  
Colhíamos lembranças de outros tempos  
Que emboscadas no passado espreitavam  
A ocasião de evocar o que existia,  
Qual tesouro guardado nas gavetas.  
Memórias esquecidas que dormiam  
Esperando um milagre que fizesse  
Reviver o que dado por perdido  
Viesse de novo para a luz do dia.

## XXI

O medo, como um pássaro noturno,  
Vinha grasnar à noite no telhado.  
Seria mesmo um pássaro ou uma sombra,  
Como um fantasma visto de passagem?  
O medo tinha muitas aparências  
E diferentes formas de inventar-se  
Na escuridão da noite que guardava  
A invisível presença anunciada  
No estalar de degraus na longa escada.

## XXII

Os gatos pela sombra disfarçados  
Laceravam a noite com seus brados,  
Transformando o silêncio em algazarra.  
Que fúria demoníaca os exaltava  
Embolando-se em cio sob as árvores,  
Multiplicando a fúria nos telhados?  
Desespero de amor tão desvairado,  
Imitação da morte anunciada  
No mágico estertor do último ato.

## XXIII

Viajante de inúteis travessias,  
Sigo em busca da paz, vou à procura  
Da trilha principal de meu destino.  
Vou buscar o que um dia foi perdido

Nos campos tantas vezes percorridos  
Numa volta sem prazo e sem destino.  
Assim posso chegar a meu princípio  
E, depois de vagar inutilmente,  
Regressar à terra mãe, à minha origem.

## XXIV

Quando a noite descia sobre a terra  
E a luz do sol sumia no horizonte,  
Eu, sozinha e perdida, me encontrava  
A escutar no vazio do silêncio  
Aquele voz que vinha do passado,  
Onde ficara o amor e a mocidade,  
Dizer sobre as ruínas que restavam  
Que a vida era somente uma passagem,  
Uma ilusão que aos poucos se apagava.

## XXV

Aqui se instala o templo da memória,  
O castelo dos jogos impossíveis,  
O que nasce das cinzas do passado,  
Entre atalhos e sombras construído,  
A seguir o mistério das estrelas  
Na vertigem que arrasta o peregrino  
Que passou pela vida inutilmente  
Em busca de encontrar o prometido  
Reino do inexato, do imprevisível.

## XXVI

Quando, à noite, o silêncio se instalava  
Na escuridão das moitas perfumadas,  
Vagalumes brilhando pelos pastos  
Reinventavam lendas sepultadas  
Nas cantigas que outrora se cantavam.  
E uma criança, olhando aquelas brasas  
A voar na incerteza azul do espaço,  
Sonhava que uma noite, de repente,  
Pudesse alcançá-los com suas asas.

## XXVII

Pelas tardes de maio, transparentes,  
Sigo em busca da luz daquele círio  
Que fulgurava aceso sobre a mesa  
Num castiçal de prata reluzente,  
Junto à imagem da Virgem e de um livro  
Onde minha mãe buscava, a cada dia,  
A história de milagres que diziam  
Da fraqueza do homem e da bondade  
Que das mãos de outra mãe se repetiam.

## XXVIII

Na liturgia clara das manhãs,  
Em gaiolas de pássaros cativos,  
Meu avô traçava as rotas do destino,  
Enquanto minha avó se distraía

A debulhar o ouro das espigas  
Para atrair galinhas invisíveis  
A ciscar no terreiro que surgia,  
Ao tempo dos quintais que docemente  
Marcavam o existir calmo dos dias.

### XXIX

Entre árvores, a casa se encantava  
Nas varandas voltadas ao nascente  
Onde o sol, ao surgir, iluminava  
O leque de memórias que se abria  
Ao farfalhar das palmas dos coqueiros.  
A casa cimentada pelos anos  
Em lágrimas e risos e lembranças  
Do que ficou perdido para sempre  
Nas areias do mar do esquecimento.

### XXX

Em frente ao cais, escuto o mar que canta  
Ao borbulhar das ondas transparentes  
Que afligem com suas vagas inconstantes  
O coração de um aflito viajante  
Que sente que, no fundo azul das águas,  
Além do mistério que o habita,  
Há no oceano a antiga voz dos ventos  
A cantar um mundo eterno e inexistente  
Onde mergulhará uma dia para sempre.

### XXXI

Enquanto percorria os interditos  
Caminhos adversos, de repente,  
Tão perdida no mundo, tão distante  
Da triste realidade da existência,  
Fui nas artes do tempo me envolvendo  
Sem olhar para trás, quando o futuro  
Ainda trazia crenças e promessas  
Que ficariam largadas para sempre,  
Despojos no portal do esquecimento.

### XXXII

Da infância restaram alguns destroços,  
Os peixes no aquário, a pequena sereia  
Na concha de cristal iridescente,  
Os bem-te-vis em busca de alimento.  
Ficou da infância o amor que nada pede,  
A menina crescendo entre begônias  
À procura de um gato que se esconde,  
E a voz do pai voltando para casa  
Trazendo segurança e açúcar cândi.

### XXXIII

Como o sangue a correr em minhas veias,  
Circulação que atíça meus sentidos,  
Tua lembrança me ocorre algumas vezes  
Ao revolver passados tempos idos.

Coração congelado em mil pedaços,  
Em busca do que ficou eternamente,  
Recordo meu passado e vejo apenas,  
Adormecido em poças de silêncio,  
Um corpo e suas ruínas devastadas.

### XXXIV

Era um colar de contas coloridas  
No pescoço das últimas sereias,  
No dia em que nadávamos nas águas  
De um mar azul de espumas transparentes.  
A vida então era só o que valia,  
E parecia perfeita e permanente,  
Sob os raios de um sol vivo e distante,  
Como uma estória escrita no improvável  
Livro que em outra parte se escrevia.

### XXXV

A moça jogou os dados sobre o abismo  
E decidiu que morrer era possível.  
A moça tirou a roupa que vestia  
E só deixou os cabelos longos, lisos,  
Cobrirem-na como um manto de ouro fino.  
Nunca disse por onde e por que vinha  
Com seu passo de leoa e de menina,  
A moça cumpriu sua parte no destino,  
O resto, só lembranças, foi perdido.

### XXXVI

No verão, chegavam os sabiás,  
Iluminando os dias com seu canto,  
Lembrando antigas notas que dormiam  
A escorrer das árvores, dos telhados,  
Pelas tardes compridas nos poentes.  
Não haverá, talvez, mais alegria  
Do que ouvi-los cantar tão de repente  
No verde da paisagem que se estende  
Como uma ponte unindo a noite ao dia.

### XXXVII

No espelho, a mãe sorria de contente  
Modelando o vestido da menina.  
A mãe tinha unhas longas e perfeitas  
E no dedo um dedal de ouro fino.  
A pedalar na máquina de costura,  
Segue fiando as teias do destino  
Sem saber que o tempo sorrateiro  
Ia bordando a rota de seus dias  
No pano que esgarçava e que rompia.

### XXXVIII

Quando, anos atrás, cheguei ao mundo,  
Tinha comigo um livro de segredos,  
Nele escreveram meu nome e um desejo.  
Trazia a boca cheia de silêncio  
E um coração sangrando no meu peito.

E não adianta pensar que aquele dia  
Foi marcado na linha do destino  
Com uma frase secreta que dizia  
Que um dia morrerei sem ter vivido.

### XXXIX

Da infância restou-me o desamparo  
De saber-me mortal e passageira  
Ante a ilusão de um mundo construído  
Num bastidor de nuvens e de areia.  
Por muito tempo, em sonhos, esperava  
Que alguém, regressando do outro lado,  
Viesse, enfim, revelar-me a boa nova,  
De um local onde os mortos se encantavam  
E um deus cruel tecia a própria sorte.

### XL

Na curva do caminho desta vida,  
Cometo o desatino de pensar  
Que, encoberto no tempo, está guardado  
O que foi sonho um dia e se perdeu.  
Metáfora esquecida que se esconde  
No último patamar da longa escada,  
Num roteiro sem fim e sem princípio,  
De uma imperfeita história que se conta  
Tão só pelo desejo de inventar.

## XLI

Fiz a casa de pedra resguardada  
De ventos e marés que ameaçavam  
A existência que ali se projetava,  
Ao abrigo de tumultos e fracassos.  
Fiz os portões fechados com ferrolhos  
E as janelas com trancas e aldravas,  
Mas, eis que um dia, o tempo e suas artes  
Com um sopro maléfico arrasaram  
Meu castelo de sonhos perdulários.

## XLII

Quantas ilhas sonhei, quanto oceano  
Inventei para um dia navegar,  
Caminhos que busquei inutilmente  
Em terras que cumpria conquistar.  
Minha vida era um grande livro aberto  
Onde eu lia sem cessar a mesma história,  
Sem princípio, sem fim e sem enredo,  
De uma cidade perdida no deserto  
E uma esfinge que não pude decifrar.

## XLIII

Quando acendem os fogos de meu canto,  
Os meus pés caminhando sobre as brasas  
E meus olhos perdidos no infinito,  
Eu pergunto do fundo deste abismo:

“— Por que não estás aqui quando preciso?  
Por que negas assim o teu conforto?”.  
Neste instante em que invoco o sentimento  
De saber que entre nós há uma distância  
Que nos faz estrangeiros todo o tempo!

#### XLIV

Aquele rosto que amei na tempestade,  
Aquele olhar que procurei na turbulência  
E que um dia acreditei ter encontrado  
No cais deserto, na hora derradeira,  
Aquele rosto não existe, é pura ausência,  
Uma tênue lembrança que se apaga  
Na indecisão daquela despedida,  
De uma viagem jamais realizada  
No tormentoso oceano da existência.

#### XLV

Quando, mais uma vez, me fiz ao leme,  
Havia um oceano a atravessar,  
Havia um horizonte e havia um barco  
E um destino que cumpria respeitar.  
Não deixei para trás, nem mesmo um porto,  
Que era mentira o cais que se afastava  
Como ilusão a cidade que eu deixava,  
Se tudo o que eu vivi e que eu amava  
Eram apenas memórias inventadas.

# Sonetos imperfeitos



## Poética

Este canto não é o canto que persigo,  
O procurado em sangues e salivas,  
Um negativo canto desvairado,  
Poesia demissória. Antipoema.

E como além do verbo me ultrapasso  
E denuncio a fraude na recusa  
De estruturas falidas que desfaço  
Como desfaço símbolos na pauta,

Que inscrito seja o verso nas espáduas,  
E em cinzas transformados os vocábulos,  
Neste tempo de alarmes e esmagados.

E se é papel queimado o que elaboro,  
Quem ousara dizer de paz ou pássaro  
Se há palavras mais fortes na garganta?

## Didática

Como escrever um verso que declare,  
Em metro exato e ressonância clara,  
A utopia de um tempo anunciado  
A ouvidos congelados e distantes?

Se apodrecem os dedos sobre a mesa,  
Instrumentos inúteis, estragados,  
E é todo sonho ou verso imaginado  
Poluído por medos e fracassos,

Se todo ardor resulta em fria prata  
E se em metais contida e dominada  
A sílaba se despe de seus brados,

Se em arabesco o grito se disfarça  
E é transformado em símbolos e mitos  
O que era intenso e livre como um pássaro.

## Impotência

Embora eu tenha a consciência exata  
No desenho da linha mais precisa,  
Nada me serve, nada me sustenta,  
Pois o que eu quero está além da vida.

Se no estilhaço busco a forma antiga,  
Na gota de água, o rumo azul dos rios  
E num fragmento de asa vejo um mapa  
Para o voo indicar distância e origem,

Sempre haverá no fim portas fechadas,  
E navios que partem inutilmente,  
E caminhos que levam a emboscadas.

Sempre haverá para mim a outra face,  
Perdida atrás da face dos espelhos,  
Que me espreita nos olhos e ameaça.

## O alienado

*Et voici les bienfaits d'une éducation bourgeoise*

Jean-Paul Sartre

Quando nasceu, traçaram-lhe um destino  
E em muros de silêncio o confinaram.  
Nenhum canto de pássaro, nenhuma  
Voz humana que, em prantos, se escutasse.

Na simetria de um pátio o encerraram,  
De um casarão deserto fez-se abrigo,  
Protegido de todos os olhares,  
Resguardado de todos os perigos.

Porém, se alguém acaso reparasse  
Além do brilho opaco das vidraças,  
Veria apenas a sombra de um menino

Que, a caminhar sem rumo e sem destino,  
Buscava inutilmente uma passagem  
Que o conduzisse além do labirinto.

## Limite

Se é piçarra o que lavro e não desvendo  
A estrutura mais íntima, a raiz,  
Nesta lavoura agreste que cultivo,  
Como um lobo cultiva sua fome,

Prefiro o meu poema de argamassa,  
No modelar seguro e consciente  
Com que um pedreiro amanha seu cimento,  
Mesma isenção no mesmo entendimento.

Por limitada que seja, não invente  
Sobre ilusão vazia ou frase rara  
Nem de fantasias me alimente.

Corte a sílaba em lâmina aguçada,  
E seja o verso a marca rigorosa  
De um canino de metal ou estilete.

## Tocaia

Agora os instrumentos são maduras  
Sementes que latejam sobre a terra  
E de escura ferrugem se incendiam  
Ou sangue. Aqui germinará o medo.

Semeadura de sombra e de incerteza,  
No peito a coivara, o fogo lento,  
Em combustão tenaz, carvão do ódio,  
Na esperança de um verde mais perfeito.

Nada recorda a trilha do cabrito  
E o antigo sulco aberto pela enxada  
Qual cicatriz remota e torturada.

Só na espessura a mão que arma a cilada  
E asas de chumbo voam neste pasto  
Onde adormece o dente dos arados.

## Desencanto

Aqui se acaba o sonho da viagem,  
Promessa de esquecidos portulanos,  
Absoluto de pó desfez-se ao vento,  
Negação do possível. Relativo.

E se de amor não vivo, nem sustento  
Ilusões esquecidas sobre a pauta  
É por saber da fúria necessária  
Com que o tempo corrompe seus altares.

Agora que apascento meus contrários  
E, indefesa, cultivo minhas pontes,  
Sei que é sempre melhor o que não foi.

Resta o consolo de ser una e morta,  
Ferrolhos de cristal em minha boca  
E o pó do antigo sono sobre a face.

## O navegante

Comandante do acaso ou rei dos ventos,  
Desdobro as minhas velas no silêncio  
Que a solidão do mar foi meu destino.

Seta lançada à beira do horizonte,  
Povoei o vazio, o mar sem nome.  
Onde estive não sei, só sei do tempo  
A devorar meu sonho, sua fome.

De tormenta e memórias ainda trago  
Molhados os meus olhos que se apagam,  
Sou o que fez um gesto desgarrado,  
A incerteza de um mundo foi meu fado.

Mas a espuma do tempo em minha face  
Clareia o que passou, e tenho medo  
Ao escutar meus passos no lajedo.

## A enchente

Há cavalos submersos neste rio,  
Num galope voraz de corredeiras,  
Descompassados cascos que se entregam  
Da água ao fluir delirante das cheias.

Pelas rédeas de prata corre o sangue  
De estrelas que nas crinas se embaraçam,  
Escorrendo dos flancos nas espumas  
Como as penas de um pássaro afogado.

Mas, se a fúria do vento se faz calma  
E no escarcéu das margens desoladas  
A voz do trovão nos longes se cala,

No silêncio da treva apaziguada,  
Se ouve um claro soar de ferraduras  
E o chicote do vento nas ilhargas.

## O morto

Do noturno silêncio em que te afago  
É que retiro a calma para o gesto,  
Ante os olhos fechados a que empresto  
Toda a luz de que é feita a claridade.

Não me importa se eterno permaneces  
Para além do que é cinza ou precipício,  
Pois teu sombrio sono me revela  
A tradução de um símbolo imprevisto

No mapa embaralhado do destino,  
A anunciar que a vida é apenas isto:  
Desvairado roteiro sem regresso,

Caminhada sem fim, sem rumo ou norte,  
Neste vale de brumas tão deserto  
Em que jogo no escuro a minha sorte.

## Travessia

Ao fim de minha vida busco a senda  
Do infinito jardim do esquecimento,  
Caminheiro perdido na miragem  
Que se esfumou soprada pelo vento.

E, enquanto a treva aos poucos se insinua,  
Na medida em que o dia enfim se apaga,  
Ao longe, avisto um muro e uma porta  
No limite fatal do itinerário.

Tudo o que fui e fiz e o que sonhei  
Perdeu-se na poeira que ainda guarda  
A marca de meus pés na longa estrada.

E, quando nada houver além da noite,  
Ainda me resta o espanto, resta o medo  
Do que virá além daquela entrada.

## Provérbio

Não adianta chorar sobre o leite derramado,  
Pois o que já passou nunca mais voltará.  
Na ciranda da vida, esse é o nosso destino,  
Viajeiros sem rumo numa incerta jornada.

E se o caminho foi longo, ao longo da estrada,  
Fomos deixando amores, dores, sofrimentos  
Que esquecidos ficaram, como encantados,  
A dormir, para sempre, nas ruínas do tempo.

Até que, de repente, num breve momento,  
Ressurgindo outra vez no coração aflito,  
Acendendo mágoas, reinventando segredos,

Novamente vivos e de novo despertos,  
A renascer das cinzas, voltam como espectros,  
Assustadoramente, a assombrar nossos dias.

## O preço

Há um momento em que tudo é precipício.  
Passageiros do tempo nos perdemos  
A contar as migalhas que ficaram  
Do que sobrou de nós pelos caminhos.

Antes de mim, traçaram meu destino  
E travaram-me as asas com seus mapas.  
Este é o preço do mundo que embrulharam  
E me entregaram pronto por decreto.

Este é o peso de tudo o que não somos,  
Da covarde mentira que encontramos  
Cotidianamente aos pés da cama.

E neste fechar de olhos sobre o abismo  
É não saber de fim ou recomeço  
Nesta guerra perdida que lutamos.

## A pecadora de Magdala

Por toda a noite esperei, tremendo, a sua volta,  
A espreitar nas veredas o andarilho encantado,  
Que viria como o sol, ao nascer da alvorada.

Com óleos perfumados e cânfora e alfazema  
Lavei seus pés feridos da longa caminhada.  
Tão macia era a pele nas tiras das sandálias,  
Na dobra dos artelhos, que minhas mãos, afoitas,

Teimavam ultrapassar a curva dos joelhos  
Em busca de uma nascente onde aplacar a sede.  
O olhar censurava, mas o lábio estava mudo.  
Disparado, o coração latejava em meu peito.

Deveria prosseguir nesse rumo impudente?  
Ou, disfarçando o calor que me queimava inteira,  
Enxugar, simplesmente, seus pés em meus cabelos?

## Ocaso

A luz que amadurece em meus cabelos  
Põe reflexos de cobre nos espelhos  
Onde a tarde se alonga como um rio  
A escorrer suas águas nos vazios

De um passado distante que perdura  
Além de todo o além e onde se escuta  
Um som de antiga flauta murmurante  
A despertar momentos esquecidos.

No mais, tudo é silêncio, tudo assombro,  
Ante o esplendor do sol que se apagando  
Deixa apenas um risco no horizonte,

Como um rastro no céu que se divide  
Entre o esplendor do dia que se esconde  
E a escuridão que aos poucos se insinua.

## O tigre

*Tiger, tiger, burning bright...*

William Blake

O tigre é um animal inconstante e matreiro,  
A deslizar na sombra entre os móveis do quarto,  
Aspirando o perfume que o faz de repente  
Sonhar com o caminho invisível da mata.

O tigre é um animal de múltiplos disfarces,  
Labareda sutil que ilumina os portais  
Onde a noite se esconde, ciumenta e maligna,  
E o caçador noturno aponta suas facas.

Parece tão manso deitado aos pés da cama,  
Suavemente a afagar, nos limites do sono,  
O pelo macio com reflexos dourados,

Quando, de repente, na doçura dos gatos,  
Predador inocente enterra suas garras  
No corpo que estremece, em êxtase, a seu lado.

## Itinerário

Quem andou pelos campos desolados  
A se perder em tantos labirintos,  
Tropeçando nos sonhos que ficaram  
Dispersos pelas pedras do caminho,

Quem apostou no encanto da jornada  
E fez da vida um longo precipício,  
A reinventar-se sempre no compasso  
Das ciladas armadas no imprevisto,

Para encontrar, enfim, o desespero  
De navegar em torno de si mesmo,  
Pelas ondas de um mar desconhecido,

Num roteiro sem rumo e sem sentido,  
Sempre a vagar em busca do encantado  
Porto final onde encontrar abrigo.

## O rio

Devagar, devagar, desço ao mais fundo  
Precipício que avisto além do escuro,  
Patamar debruçado sobre o abismo  
Que é o ponto terminal desta jornada.

Nesta escura descida tão funesta,  
Às vezes, como pássaros furtivos,  
Vão despontando os sonhos que ficaram  
Esquecidos ao longo do caminho.

De degrau em degrau, na longa escada,  
Vou vencendo a distância que me resta  
Enquanto o sol se apaga no horizonte  
E o mundo em volta rápido escurece,

Até que, finalmente, avisto o rio  
E o barqueiro no leme à minha espera.

## Consolação

Ó meu sonho secreto, ó mentira,  
Que a vida me tomou como cativa,  
A desfilas sem rumo e sem medida  
No vendaval das ilusões perdidas.

Ó desejo infeliz, apenas isso,  
Consola-me de ter desperdiçado  
Tanto tempo entre inferno e paraíso,  
Entre o mundo real e o imaginado.

O que fazer agora quando tudo  
Em que um dia acreditei não mais existe,  
E a cortina se fecha sobre o palco

Onde, sozinha, cumpro a minha sina  
De procurar no mapa dos perdidos  
A estrela que ilumine meu caminho.

## O comparsa

Juntar palavras no tempo  
Será sempre nosso fardo,  
Repetindo o mesmo gesto,  
Tecendo o mesmo sudário.

O que marca minha sorte  
Também marca o desespero  
De saber que, além da porta,  
Inicia-se o roteiro.

E além do além, o caminho,  
Jornada de nossos passos,  
Lembranças da vida inteira.

Tudo no mesmo compasso,  
A dor que nos faz inteiros  
Também nos corta em pedaços.

## Desencontro

Chegados por caminhos diferentes,  
Na encruzilhada um dia se encontraram  
Andarilhos de origem tão distante,  
Na procura do mesmo itinerário.

Porém, enquanto em um se revelava,  
Refletida nos olhos, a esperança  
De um destino feliz que despontava,  
Restava ao outro apenas a lembrança

De um tempo que se fora e não tem volta.  
Enquanto, para um, o sol raiava  
Pelas manhãs em toda a sua glória,

Para o outro, o futuro anunciado  
Nas dobras do horizonte se apagava  
Entre estrelas e versos e memórias.

## Cavalarias

Quixote em armadura transparente,  
Parti um dia em busca de aventuras,  
Imaginando achar em noite escura  
A miragem de um sol anunciado.

Depois de cavalgar inutilmente,  
Eis-me de volta ao ponto de partida,  
Venho abatida, a carregar no peito  
A solidão de todos os vencidos.

Desiludida, ao fim da longa estrada,  
Restou-me da existência, tão somente,  
Saber que os inimigos que enfrentara,

A girar na planície dos meus sonhos  
Seus braços de gigantes enfurecidos,  
Eram moinhos de vento simplesmente.

## Cão de raça

Numa almofada aos pés da cama fui criado  
Defendido de perigos e de maus tratos.  
Me deram de comer dos mais finos bocados,  
Levaram-me a beber água pura de um jarro.

Tive sempre o melhor do que havia na casa,  
Vivendo num jardim entre flores e pássaros  
A correr livremente na sombra das árvores.

Hoje, velho e cansado, não corro, me arrasto  
Na lembrança de um tempo em que tudo era calma,  
E o peso dos dias ainda não marcara  
O sinal da coleira em meu pelo dourado.

Na doçura de viver assim resguardado,  
Eu jamais procurei decifrar o recado  
Do cão que latia do outro lado das grades.

## Poente em Mar Grande

Vista da ilha, ao longe, a cidade é como um sáurio,  
Um dragão multicolor a dormir embalado  
Pelas ondas do mar que docemente o afagam,  
Na volúpia das águas que nunca se acalmam.

Na praia a alongar-se, a maré mansa se espraia,  
Ao sabor da enchente, no estertor da vazante,  
Na sombra dos coqueiros que esgarçam suas palmas  
Ao sopro dos ventos de um verão que se acaba.

Na barra, os recifes desenham uma mandala  
Cujos centro é esta ilha, santuário encantado,  
De uma esfinge ancestral a devorar a tarde.

O sol, com seu pincel, incendia as vidraças,  
Mas a chama de ouro pouco a pouco se apaga,  
E, atrás da amendoeira, a luz da lua se espalha.

## Destino

Acorrentada à minha própria sorte,  
Cumpro em silêncio antigas profecias.  
Há de a morte chegar, mas quando e onde?  
Quem saberá do tempo que nos cabe?

De achados e perdidos nesta vida  
Fabricarei um museu do esquecimento  
Entre relíquias postas nas vitrines  
E saudades em quadros nas paredes.

O sentido da vida é o desespero  
De saber-se tão perto e tão distante  
E, na espera do dia derradeiro,

Saber que, longe ou perto, é sempre o mesmo  
O roteiro que conduz o viajante  
Nas areias perdidas do deserto.

## Réquiem para um poeta

Porque a noite soprou seus ventos calmos,  
Numa tarde despida de esperanças,  
Os meus passos perdidos na memória  
Voltaram a percorrer tristes lembranças

Que não existem mais, sombras difusas,  
No labirinto oculto do passado  
Onde o suave murmúrio de uma fonte  
Marca o tempo que passou e que não volta.

No entanto, há de ficar eternamente,  
Como um grão de poesia semeado  
Na seara fecunda das palavras,

O inesquecível encanto de uma tarde  
Em que as éguas da Trácia na campina  
Relinchavam de amor, impunemente.

## O amigo invisível

Um suave vampiro em minha noite  
Conta estórias de mim para mim mesmo,  
Aos poucos, revelando meus segredos,  
Minhas ocultas lembranças, meus desejos.

Oscilando entre o sono e o devaneio,  
A decifrar mistérios tão antigos,  
Ele me ensina a viver, e eu o ajudo  
A entender as palavras que não digo.

Às vezes, ele é velho, outras, menino,  
E, entre a realidade e a fantasia,  
Vamos tecendo sonhos impossíveis.

E, enquanto a noite segue seu caminho,  
Ele sorve meus versos como o sangue  
Que o alimenta e o conserva além da vida.

## O mel e os travos

Ao longo destes dias lastimosos,  
Vamos carpindo trovas e sonetos,  
Rememorando os anos mais ditosos  
Em que a vida era sempre um recomeço.

Tanto tempo tivemos, tanto tempo,  
Para escutar a fonte de azulejos,  
Para sonhar ao ritmo inconstante  
Daquelas águas vindas de tão longe.

Hoje não ouço mais, neste silêncio  
Onde apaguei o canto de outros dias,  
A voz daquele vento no arvoredor,

O som daquela fonte em meus ouvidos...  
E, apenas na memória, os azulejos  
Renascem como signos imperfeitos.

# Salvadolores

*Para Urania e Fernando da Rocha Peres*

À deriva na rota dos desejos,  
A cidade cintila sobre as ondas,  
Entre as espumas brancas das manhãs,  
No reflexo vermelho dos poentes.

A cidade é o limite, a transgressora  
Linha que se destaca no horizonte,  
Dividida entre o livre azul dos mares  
E a solidão de todas as janelas.

Nesse espaço de pedra enovelada,  
Como serpente a rastejar nos morros,  
Labirinto de ruas que se estendem

Ao sortilégio oculto das ladeiras,  
Brotam as torres, pássaros pousados  
Na memória irreal das coisas belas.

## Outono

Eis que, chegado o tempo da colheita,  
Madurecem os frutos sobre a terra,  
No rastro de um verão ensolarado  
Que se despede e segue sua jornada.

Cintilação de luzes e de orvalho,  
Tudo é vida e perfume, tudo encanta:  
A epiderme lustrosa das maçãs,  
O travo do caju, a doçura da uva,

As mangas veludosas e as laranjas,  
O espevitado brilho dos morangos  
E o ouro fulvo e solar das tangerinas.

Mas, terminada a rota da fartura,  
O frio inverno aos poucos se insinua,  
E as frutas apodrecem nos quintais.

## Aquele dia

Quando, enfim, tudo isso for passado,  
E o pó do tempo assente sua pátina  
Sobre o que foi outrora esse momento  
E a lembrança de um dia, aquele dia,

Como um rastro perdido nas esquinas,  
Como o sol no horizonte a refletir-se  
No aço dos espelhos, aquele instante,  
Inscrito para sempre na memória,

Terá sido apenas uma passagem,  
Labirinto de nuvens e de ventos,  
Leve traço a perder-se no infinito,

Como um verso escrito nas areias,  
Seria apenas o fim e o recomeço  
Do que, afinal, talvez nem existisse.

## Mandala

Aos poucos, devagar, chego no abismo,  
Ao fundo de mim mesma, ao precipício  
Onde dormem desejos impossíveis,  
No escondido dos sonhos mais secretos.

Aos poucos, vou cumprindo e desenhando,  
Na medida das pontas do compasso,  
O círculo imperfeito desta vida,  
Do tempo inicial do nascimento

Ao centro do mistério que atravesso  
Sem saber onde leva a correnteza  
Nas águas desse rio que me arrasta,

Cuja foz é a nascente que adivinho  
E onde se encontra o fim e o recomeço  
No arremate das linhas que desfaço.

## O anjo

O anjo reinventou-se no silêncio  
E cobriu-se de cores e de ventos,  
Em suas asas, o voo inaugurou-se  
Num adejar de chamas bailarinas.

E ele se foi à procura do mistério  
Que adivinhara além do sol poente,  
Além do além, além de muito longe,  
Até onde os céus e a terra se confundem.

E eu me pergunto ao vê-lo tão distante,  
Atravessando nuvens passageiras:  
Por que atirar-se assim no precipício,

Por que buscar um ponto no infinito,  
Pássaro viajero, inútil peregrino,  
No universo sem rumo nem fronteiras?

## O forasteiro

Ele foi o primeiro e o derradeiro,  
O que chegou de longe e que não vi,  
O que trazia no olhar o itinerário  
Do caminho em que um dia me perdi.

O que surgiu do nada, simplesmente,  
E me mostrou o final e o recomeço  
De um poema que escrevi no interstício  
Deste espaço de sombra e de desejo.

Invenção do mistério de meus dias,  
O que me deu a chave do indizível  
Hieróglifo tatuado que inventamos,

Sabendo que, no livro do destino,  
Não haverá jamais fim ou princípio  
Na solidão do sonho que sonhamos.

## O conquistador

Agora que afundei o último navio,  
Só me resta cumprir o meu destino.  
O que deixei para trás foi sal e vento  
E as turbulentas águas que venci.

Terei vencido mesmo, ou fui vencido  
Na ilusão que me fez girar o mundo  
Em busca de uma certeza imaginada  
Que me impelia ao fim deste oceano?

Hoje vim a plantar um novo tempo  
E fabricar um reino de improváveis  
Sonhos que construí com sangue e febre,

De remorsos herdados do passado  
E de ilusões pisadas nos escombros  
Em que tento inventar um novo império.

E se...

E se tudo em mim fossem apenas mentiras,  
Se esse odor de camélias que sinto na noite  
Não passasse de um sonho perdido no espelho

E se tudo o que vivi, entre o eterno e o efêmero,  
Fosse como uma ausência queimando no peito  
Onde hoje se abrigam, pássaros imperfeitos,  
Minutos que vivi entre a alegria e o desespero.

A febre do remorso em que sorvi inconsciente  
Nas sombras da noite a luxúria do desejo,  
Lembranças de outrora que acordam em meu corpo  
Um gosto de mistério e um sabor de pecado.

Se todo caminho são linhas que se apagam,  
Todos os retratos desbotam nas gavetas,  
E se há tempos esqueci a chave dos segredos.

# Destino

O destino é uma caixa de incertezas,  
Trilha no infinito, espaço vazio  
Onde os passos se perdem ao caminhar.

O destino é um roteiro de imprevistos,  
Um mapa desenhado nos enredos  
De atalhos escondidos no impossível.

É simplesmente um mapa sem contorno,  
Meta de chegada, ponto final,  
Desespero de rumos que se apagam  
Sem deixar ao menos um sinal.

Destino é um horizonte indecifrado  
E que se afasta sempre a cada passo,  
Encruzilhada em rotas inconclusas,  
Um caminho sem fim buscando o nada.

## Pesadelo

A solidão pôs flores nos cabelos  
E diamantes no brilho dos espelhos,  
Sentidos de uma história acontecida,  
De uma vida que um dia foi perdida.

Num tempo que se foi, mas que não volta,  
A moça debruçada numa rede  
Via as sombras descenderem nas varandas  
E sabia que nada lhe restara

Além de um sonho torto que voltava  
Toda noite a assombrá-la na passagem  
De um pássaro sem rumo que ficava  
Pendurado nas pontas do telhado,

Até que o sol, enfim, vencendo o medo,  
Lhe trouxesse a manhã numa bandeja.

## O ocaso da rosa

No cristal das manhãs, a fresca rosa  
Desperta iluminada pela aurora  
E, lentamente, as pétalas desdobra  
Do orvalho na carícia veludosa.

Leve, ao franzir da pele acetinada,  
Vai se abrindo o botão suavemente  
Sobre o cálice da haste que se estende  
Dos galhos na textura delicada.

Ei-la, enfim, tão completa e radiosa  
No apogeu da beleza revelada,  
Sem perceber que, ao fluir calmo do tempo,

A luz que irradiava do poente  
Foi-se apagando aos poucos, para sempre,  
No perfume das tardes transparentes.

## *Miserere nostrum*

Antigamente, havia uma capela  
E no altar a Virgem e um menino  
Com seu manto azul, salpicado de estrelas,  
A apontar-me do céu todas as glórias.

O pecado era só um bicho que espreitava  
Escondido atrás das portas da inocência.  
Mas tudo se foi um dia simplesmente  
Quando os ventos do mundo se agitaram.

Nos altares, as velas se apagaram,  
Desentoadas vozes que cantavam  
No coro do passado se calaram.

Ficou somente um cálice partido  
E as hóstias consagradas pelo tempo  
Dissolvendo-se no instante da passagem.

## Reminiscências

No corredor escuro da memória  
Escuto a voz ausente que me chama  
De muito longe, onde deixei perdidas  
As horas que vivi e que não voltam.

No silêncio repleto de lembranças,  
Os fantasmas que um dia me assombraram  
Contam histórias gravadas nas paredes  
Do labirinto oculto onde procuro,

Inutilmente, achar uma saída  
Que me faça escapar do sentimento  
Do que um dia distante foi perdido.

Amores que esqueci, doce esperança,  
Sentimentos que nunca se apagaram,  
Alicerces sem rumos da inconstância.

## Na calada da noite

Uma coisa se move atrás da porta.  
Talvez apenas o hóspede atrasado,  
Talvez alguém que nunca esteve aqui antes  
E que chegou de noite, assim, alguém...

... ou foi apenas o vento na folhagem,  
Os passos peregrinos que ficaram  
Arrastando-se sozinhos pela tarde.

Quem chegou de tão longe? Por que veio?  
Será de um visitante aquela sombra  
Na ausência que adivinho do outro lado?

Ou de alguém que já esteja nesta sala,  
No escuro desta noite onde, sozinha,  
Ouço um vago soluço no silêncio,  
Na calada da noite, atrás da porta.

## Segredos

Na solidão de todos os momentos,  
Procurei, na razão desta existência,  
O sentido final de uma batalha  
Travada nos portais do esquecimento.

Entre estrelas e pássaros cansados  
Restou apenas o rastro incandescente,  
O apagado sol de todos os desejos  
Abandonado e turvo no horizonte.

Está doendo tanto este silêncio,  
A palavra morrendo na garganta,  
O verso que não ousa revelar-se,

Os segredos ocultos de um passado,  
Mistério devorado pelo tempo  
Que não existe e nunca aconteceu.



# Trilhas / Definições Travessias



## Cidade, cidades

Uma cidade se faz  
De argamassa  
E de argila.

De sonhos, de mentiras,  
De coisas inventadas  
E vividas.

A soma dos anos  
Subtraídos,  
Multiplicados por nada,  
Divididos.

Uma vida se faz  
Do que ficou perdido,  
Do imaginado,  
O não vivido.

Uma vida,  
Como as cidades,  
É feita de muitas vias,

Caminhos percorridos  
E esquecidos,  
Iluminadas avenidas  
E sujos becos sombrios.

# Palavra

No princípio  
Era apenas  
O som.

Mas o som se fez  
Letra, sílaba,  
Palavra e poesia.

De repente,  
Sólida paixão,  
Reinventou-se,

Na pedra, na folha,  
Na pele, na escrita,  
Na página.

Mais que perfeito  
Sinal, estigma,  
Signo. Poema.

# Texto

Texto é o que se tece,  
O que se enrosca  
E acontece.

Texto é o que se fia  
E confia  
E não se desmerece.

Texto, tapete,  
É ponto no bordado,  
É tecido refeito  
E terminado.

É fibra, fio,  
Forma fixa, trama,  
Bastidor, tear,

Arte de inventar.

# Poesia

Poesia é um sonho apenas.  
Mais que um sonho,  
É apenas.

## Caminho

Fabrico meu caminho de incertezas,  
Trilha no infinito, espaço no vazio  
Onde os passos se perdem ao caminhar.

Um roteiro de imprevistos,  
Pegadas que se apagam nos enredos  
De atalhos escondidos no impossível.

Meu caminho é um ponto no infinito,  
Desespero de rotas que se apagam,  
Itinerário que se faz buscando o nada.

## Caos

O caos é o limite do possível.  
O que virá depois já não importa,  
O caos é o desconcerto do vazio.

Cresce nas beiras, devagar, marcando  
O tempo de construir um novo tempo  
Onde o voraz minuto faz-se eterno.

O caos é este conceito dos eternos,  
É o excesso do nada, o inobjeto  
Flutuando na ausência do invisível.

No princípio era o caos, é o que dizem.  
O caos é o latifúndio dos poetas.

# Geografias



# Babel

Aos poucos, todo dia,  
Construímos a torre.

Em cada pedra assentada,  
O cimento do desejo.

Um dia chegaremos  
Ao cume, ao derradeiro  
Degrau do entendimento.

Alicerces de barro,  
Patamares, mensagens  
Repetidas a esmo.

Ouçõ uma voz  
Refletindo palavras  
No intrincado das letras,

Palavras, palavras,  
Descalabro no vazio  
Da torre inacabada

Onde, sozinha,  
Lanço o último grito,  
A última sílaba perdida.

Por fim, restou-me um verso  
Riscado nas paredes,  
Enigmático, impossível,  
Sem tradução, sem princípio.

## A Ilha

Esta ilha completa e acabada  
Que no espelho da cidade se reflete,  
A ilha que cantei nas madrugadas  
Em que o mar se desmanchava em suas praias,

Esta ilha morreu, não tem mais jeito,  
As correntes marinhas a levaram  
A sepultar no fundo azul perfeito  
Onde dormem sereias entre as algas.

Meu país é o mar, meu oceano  
De ocultas ressonâncias submarinas,  
Cidades, caminhos que apaguei  
Na esquina das ruínas submersas.

Eu sou quem sou, um risco no horizonte  
Onde naufraga o veleiro solitário  
Que um dia atravessou os sete mares  
Em busca de encontrar a própria sombra.

Minha ilha sou eu, tão simplesmente  
Como viver perdida no oceano,  
Numa viagem sem fim e sem retorno  
Na incansável procura de si mesma.

## Praia do Forte

A luz do sol filtrada  
Entre coqueiros,  
E o mar distante

Em seu arfar  
De enchentes  
E vazantes,

Ao ritmo dos ventos  
Que se expandem  
— Sístole, diástole —

Como a respiração  
Ocultada de um gigante  
Invisível a dormir  
Em alvos lençóis de dunas,

Desdobrando-se  
Longe, a perder de vista,  
No horizonte.

# O rio

## I

Eu cumpro o rio.  
Sonho ou vertigem  
De ingrata lavra.

Só pedra e areia  
Nas margens altas.

Eu cumpro a sina  
Dos desgarrados,  
Corpo de espuma,  
Corais fanados.

De meu  
Só filtrados gestos,  
Líquida face.

## II

Já não recordo  
A nascente,  
A fonte primeira ou brejo.  
Já não sei dos meus antigos...  
Sêmem de areia  
Ou de sal?

Sei que vou,  
Não mais regresso.

Sei do que arrasto e alimento,  
Conheço a minha pisada  
E minha sede mais secreta.

### III

Só leito de areia grossa  
Áspero e amargo,  
Sáfaro leito talhado  
Em côncava espada.

O mesmo caminho aberto,  
Mesma pisada,  
Rasgar de primeira  
Água, hímen  
De barro.

### IV

Em que precário traço  
Me sustento e recomeço,  
Reconstruindo o mar  
Com meus achados?

Unindo desencontros,  
Solidões, cansaços.  
Terra dos claros,  
Dos verdes,  
Ou magra crosta fibrosa

Dentro de mim,  
Nos meus tristes,

Sementes de concordância  
Que ainda em vão  
Subsistem.

## V

Assim a terra lavada  
De seus enigmas,  
A terra saqueada  
E isenta.

Não apenas praia  
Ou areia cauterizada,  
Nem ribanceira a prumo  
Cortada.

Era margem  
Mais crua,  
Mastigada.

Presas agudas de barro,  
Caninos de argila.  
Travos.  
Dorida fome de espadas.

## VI

Que sei de minha presença  
E do líquido compasso?  
Sei que há cantos de afogados,  
Consentidos,

E (ou) cavalos submersos  
Nas espumas.

Que sei do mar que me aguarda,  
Se me anulo, ou permaneço?  
Sei do claro itinerário  
Da descida.

# Fazenda Retiro

## I

Há um olho  
Perdido  
Na distância

Onde o ouro  
Do capim  
Longe renasce.

Nos altos,  
Na crista do monte,  
O gado pasce.

## II

Fazer fazenda,  
Seu hálito de curral,  
Seus verdes ásperos.

Mourão de cerca,  
Arame que circula  
O azul da tarde.

E finos bezerros alvos,  
De ancas de marfim  
E olhos rosados  
Ruminando devagar  
O tempo que não passa.

### III

Fazenda desfazenda,  
Rumo incerto  
Dos dias enterrados  
No oco das juremas.

Na lonjura, os olhos  
Sonham barcos,  
Ao cheiro das marés  
Que os ventos trazem.

Soltam-se nuvens,  
Como velas,  
No horizonte.

E ao galope dos cascos,  
Inventa-se o mar  
Na neblina dos vales.

### IV

No escuro da noite  
Decifra-se o enredo,  
A sutura dos dias.

E enquanto o Outro,  
O de cem olhos,  
Vigia nossos passos,

Uma centelha  
Acende a treva  
E risca o espaço,

Na luxúria dos brilhos  
A pupila de luz  
Dos vagalumes.

## V

Fazenda é este risco  
No vazio, este rolar  
Na relva azul dos sonhos.

São caramelos  
Na língua,  
A doçura da tarde,

O morno calor  
Na pele, e os dedos  
Buscando o âmago  
Da terra

E o surdo  
Cantarolar do rio  
Ao longe,  
Nos banhados.

## VI

Quem planta no inexato  
Sabe o tempo da espera,  
O incerto ciclo das chuvas,  
A tormenta das secas,

Sabe que o imprevisto  
É parte do inseguro  
Sonho da colheita.

## VII

Fazenda é centro,  
Umbigo do mundo,  
  
Sombra da porteira  
Onde enterrados estão  
Os sonhos esquecidos.  
  
As varandas abertas  
Ao balançar das redes  
No cansaço dos dias,  
  
O laranjal florido,  
O tanque dos patos,  
  
E o tempo a escorrer  
Das traves do telhado.

## VIII

Fazenda  
É o que se planta  
E colhe.  
  
A vida inteira  
A semear no escuro  
Do improvável.

O que sobrou do ciclo,  
Do inconstante  
Flutuar de sol e chuva.

Aquele calo doendo  
Bem no centro,  
Nas entranhas do corpo

Onde se enterra o grão  
Do esquecimento.

A vida,  
Lavoura de tormentos.

## O filme

Subitamente,  
Um filme acorda  
Em minha mente.

Enrola, desenrola  
E, de repente,  
Numa tela irreal,  
Abre-se em frente

Uma grande angular  
A desdobrar-se  
Em planos,

Multiplicando-se  
Perdida nas esquinas

De uma cidade  
Fantasma  
Que se esconde.

Corta!  
Sombras se apagam  
E reaparecem,

Caminhando  
Solitárias pelas ruas,  
A perder-se nas dobras  
Do vazio.

E era eu,  
Era eu que me perdia,  
Protagonista a caminhar  
Sem rumo, sem destino,

Num roteiro dividido  
Em princípio, meio e fim  
Do sem medida.

Um passo em falso  
E estaria perdida  
No turbilhão de imagens,  
Planos, cortes, *flashbacks*,  
Em repetidos lances,

Até o ponto final,  
A apoteose,  
O beijo, a morte,  
Ou, simplesmente,

O caminhar sereno  
Para o abismo,  
Cenário de um filme  
Mais antigo.

Outros tempos



## De repente

Os tempos passados  
Foram tempos  
Em que viver não era assim  
Tão perigoso,

Em que os dias escorriam  
Nas vidraças,  
E o relógio do mundo  
Marcava suas horas  
Até que o sol sumisse  
No horizonte.

Naquele tempo,  
Ainda havia sol  
E horizonte.

*2013-09-09*

# Infância

Faz de conta  
Que tudo se passou  
No campo do previsto.

Vestido de organdi,  
Meias de seda,  
Sapatos de verniz.

Faz de conta  
Que eu sempre  
Fui feliz.

Eu sempre fui feliz.  
(Mas não sabia).

# Vida

No labirinto dos anos,  
A cada nova passada,  
Vai-se encurtando o caminho,  
Mais difícil é a jornada.

Em nossa vida de enganos  
Nenhuma certeza existe  
Além da morte que espreita,  
Como um cachorro vadio,  
Atrás da curva da estrada.

## Velhice

Aos poucos, lentamente,  
Vai se enrugando a pele  
E amarelando os ossos.

Apagam-se as lembranças,  
Turva-se a memória,  
Os olhos se confundem.

A cada dia, sepulta-se  
Uma esperança,  
E é tudo tão sombrio.

Mas, bem no fundo do peito,  
Como um pássaro imperfeito,  
Canta o sol da madrugada.

# Lembrança

Não te lembres de mim  
Como uma velha amiga  
Que ficou no passado.

A antiga namorada,  
Sentada na varanda  
A devorar chocolates.

Como alguém que se beija  
No derradeiro instante,  
Chorando atrás da porta.

Quando amêndoa brilhante,  
Pálpebras da noite escura,  
As faces do dia se descolam

E os cães, os cães, os cães,  
— Três cabeças e as fauces,  
Pastam refestelados  
Nos jardins de minha casa.

## O cão

*Eu tive um cão  
Chamava-se Veludo*

Eu tinha um cão, mas não era Veludo,  
Nem era feio nem imundo,  
Apenas um cão qualquer, solto, sem rumo.

Um vira-lata autêntico e sortudo,  
As patas brancas e um rabo de plumas,  
Como um penacho erguido contra o mundo.

Era um cachorro fujão, um vagabundo,  
A rodar pelas ruas livremente  
Alheio às aflições que suscitava.

Foi criado assim, de déu em déu.  
Comia o que lhe davam,  
Num canto do pátio dormia enrolado.

Assim ia seguindo seu caminho,  
As pernas curtas, trotando a meu lado,  
Até que um dia morreu atropelado.

No dia em que morreu,  
Fez-se silêncio no mundo,  
Soprou um vento gelado.

## Paradoxo

O amor  
É a mais perfeita  
Imperfeição.

Felicidade na tristeza,  
Subterfúgio às dores  
Do mundo. Passos lentos  
Em direção ao caos.

E ser feliz é apenas isso,  
Essa tristeza do abandono,  
Essa dor que contamina  
O que inda resta,  
De tudo o que não foi.

O pensamento doendo  
Em cada canto  
Onde se guarda o que faltou,  
Mesmo que tudo...

Eu disse amor?  
Queria dizer morte.



# Sumário

## **O país invisível**

O país invisível	17
Pátria	18
Os navegantes	20
O degredado	22
Derrotado	23
O anacoreta	24
Travessias	25
O semeador	27
Cravo	28
Ressaca	30

## **Azul**

Azul	35
Gênesis	38
Lanterna dos afogados	39
Tempo	42
Escrito no avião	43
O pequeno viajante	45
Em tempos de guerra	47
O transeunte	49
O outro lado da lua	50
O objeto	51
O companheiro noturno	53

## **Poemas do acaso**

Poemas do acaso 57

## **Mitologias**

Ritual 63

Lilith 64

A fênix 65

Adônis contra o tempo 66

O.V.N.I. 68

## **A caixa de Pandora**

A caixa de Pandora 73

Romance da volta de Ulisses 76

Canção da noiva iludida 79

Romance da Ilha do Medo 81

Canção do céu estrelado 83

O retorno 85

## **As sombras**

O aleph 89

Último canto para Pablo Neruda 90

Canto para Frederico Garcia Lorca 92

O alquimista 94

Elegia numa tarde de maio 95

Entrando na água 96

Elegia para um morto em sua cadeira 97

A morte no trigal 98

O epitáfio 99

Chagall 100

Réquiem para um poeta assassinado 101

<b>O caçador</b>	
O caçador	107
Origem	108
A árvore do tempo	109
A árvore do tempo	110
Sete portas e nenhuma saída	111
Sete portas...	112
O senhor da colina	113
Oké	115
A mãe das águas	117
O encontro	118
O pássaro	119
A grande caçada	120
A deusa	121
Ejo-Lorum	122
Destino	123
A passagem	124
<b>Memórias inventadas</b>	
Memórias inventadas	129
<b>Sonetos imperfeitos</b>	
Poética	149
Didática	150
Impotência	151
O alienado	152
Limite	153
Tocaia	154
Desencanto	155
O navegante	156

A enchente	157
O morto	158
Travessia	159
Provérbio	160
O preço	161
A pecadora de Magdala	162
O caso	163
O tigre	164
Itinerário	165
O rio	166
Consolação	167
O comparsa	168
Desencontro	169
Cavalarias	170
Cão de raça	171
Poente em Mar Grande	172
Destino	173
Réquiem para um poeta	174
O amigo invisível	175
O mel e os travos	176
Salvadolores	177
Outono	178
Aquele dia	179
Mandala	180
O anjo	181
O forasteiro	182
O conquistador	183
E se...	184
Destino	185
Pesadelo	186

O ocaso da rosa	187
<i>Miserere nostrum</i>	188
Reminiscências	189
Na calada da noite	190
Segredos	111

### **Trilhas/Definições/Travessias**

Cidade, cidades	195
Palavra	196
Texto	197
Poesia	198
Caminho	199
Caos	200

### **Geografias**

Babel	203
A Ilha	204
Praia do Forte	205
O rio	206
Fazenda Retiro	210
O filme	215

### **Outros tempos**

De repente	219
Infância	220
Vida	221
Velhice	222
Lembrança	223
O cão	224
Paradoxo	225